

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS
FACULDADE DE TEOLOGIA**

FERNANDO AUGUSTO SANTANA BERNARDES

**O “SILÊNCIO” DE PIO XII FRENTE AO HOLOCAUSTO DOS
JUDEUS: ANÁLISE HISTORIOGRÁFICA.**

**CAMPINAS
2017**

FERNANDO AUGUSTO SANTANA BERNARDES

**O “SILÊNCIO” DE PIO XII FRENTE AO HOLOCAUSTO DOS
JUDEUS: ANÁLISE HISTORIOGRÁFICA.**

Trabalho de Conclusão de Curso, da
Faculdade de Teologia, do Centro de
Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, da
Pontifícia Universidade Católica de
Campinas.

Orientador: Prof. Dr. Mons. Rafael Capelato.

**CAMPINAS
2017**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS
FACULDADE DE TEOLOGIA**

FERNANDO AUGUSTO SANTANA BERNARDES

**O “SILÊNCIO” DE PIO XII FRENTE AO HOLOCAUSTO DOS
JUDEUS: ANÁLISE HISTORIOGRÁFICA.**

Trabalho julgado e aprovado pela docente responsável em:

____/____/____

Prof. Dr. Mons. Rafael Capelato

Dedico essa pesquisa à minha família, amigos e amigas, àqueles que me incentivaram e rezaram para que eu não desistisse. À Igreja, Mãe e Mestra, e a todos aqueles que ainda sofrem pelas memórias do Holocausto.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer primeiramente ao Bom Deus! Ele nunca me desamparou, continuou a meu lado, mesmo nos momentos em que eu não estive tão próximo d'Ele, sei que cheguei aqui porque Ele é sempre Bom para comigo.

Agradeço também à minha família: pai, mãe e irmã. Seu incentivo é de extrema importância em minha caminhada. Sem seus esforços e sacrifícios eu nada poderia fazer e não teria em mãos o trabalho que tenho hoje.

Agradeço imensamente à Igreja, em especial à Igreja na Diocese de São João da Boa Vista, na pessoa de nosso Bispo Diocesano, Dom Antonio Emidio Vilar, de meu reitor, Padre Romualdo Nunes de Almeida e meus párocos, tanto os que passaram quanto o recente. Agradeço a confiança em minha capacidade.

Aos meus amigos de seminário e de estudos na PUC, também pelo incentivo e auxílio nas questões que necessitei.

Aos amigos e amigas, os da Igreja ou de fora dela. A amizade é um dom precioso, sem seus auxílios com certeza não teria realizado essa pesquisa, o trabalho teria se tornado muito mais complicado de se fazer.

Por fim, quero agradecer ao meu orientador, Mons. Rafael Capelato. Um verdadeiro mestre é reconhecido quando consegue passar a seu aluno conteúdos além daqueles que são puramente intelectuais. O senhor me ensinou disciplina e gosto pela pesquisa historiográfica. Sem sua paciência e amizade o trabalho não teria sido tão prazeroso de realizar. Obrigado!

*“Bendito seja Deus pelo amor ao Sumo
Pontífice que Ele botou em meu coração”*

São Josemaria Escrivá.

RESUMO

O objetivo do presente trabalho é fazer uma análise historiográfica acerca dos motivos das acusações e defesas da postura do Papa Pio XII durante o holocausto dos judeus na Segunda Guerra Mundial. Para não transformar a história num tribunal, buscou-se compreender o contexto da infância do futuro Papa, bem como os motivos do nascimento do nazismo e ascensão ao poder de Adolf Hitler. Também buscou-se compreender como os papas Bento XV, Pio XI e Pio XII se manifestaram em relação às Guerras e ao antissemitismo. O trabalho também busca fazer uma análise das principais acusações e defesas da figura de Pio XII, utilizando de obras, testemunhos e fatos históricos relatados nos livros consultados.

Palavras-chave:

Pio XII. Silêncio. Judeus. Holocausto. Antissemitismo. Acusações. Defesas.

ABSTRACT

The purpose of the present work is to make a historiographical analysis of the motives of the accusations and defenses of the positions of Pope Pius XII during the Holocaust of Jews in World War II. In order to not turn the History in a court, we tried to understand the childhood's context of the future Pope, as well as the motives for the birth of the Nazism and the rise to power of Adolf Hitler. We also tried to understand how the popes Benedict XV, Pius XI and Pius XII manifested themselves in relation to the Wars and anti-Semitism. The work also seeks to make an analysis of the main accusations and defenses of the figure of Pius XII, using works, testimonies and historical facts reported in the consulted books.

Key words:

Pius XII. Silence. Jews. Holocaust. Anti-Semitism. Accusations. Defenses.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I – VIDA DE EUGENIO PACELLI	14
1.1 Infância, época de seminário e sacerdócio	15
1.2 Eugenio Pacelli, Núncio Apostólico	19
1.2.1 A Concordata com o Terceiro Reich	23
CAPÍTULO II – O NAZISMO.....	27
2.1 Contexto e origem do Nazismo.....	27
2.1.1 O Tratado de Versalhes	28
2.1.2 A República de Weimar	29
2.2 O Advento e tomada de poder de Adolf Hitler.....	31
2.3 Conceitos do Regime Nazista.....	33
2.3.1 Conceito de Totalitarismo	37
2.3.2 O racismo hitlerista	37
2.3.3 O antissemitismo.....	38
CAPÍTULO III – POSICIONAMENTOS DOS PAPAS BENTO XV, PIO XI E PIO II EM RELAÇÃO ÀS GUERRAS E AO NAZISMO	42
3.1 Bento XV, o Papa na Primeira Guerra Mundial	42
3.1.1 Magistério de Bento XV durante a Primeira Guerra Mundial	45
3.2 Pio XI, o Papa no entre-guerras	51
3.2.1 <i>Mit Brennender Sorge</i> , a encíclica em alemão.....	53
3.3 Pio XII, o Papa na Segunda Guerra Mundial.....	56
3.1.1 Magistério de Pio XII durante a Segunda Guerra Mundial.....	57
CAPÍTULO IV – ACUSAÇÕES E DEFESAS ACERCA DOS POSICIONAMENTOS DE PIO XII NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL	63
4.1 Acusações contra Pio XII.....	64
4.2 Defesas a favor das ações de Pio XII.....	70
4.2.1 Ações de Pio XII em favor dos judeus.....	72
4.2.2 Testemunhos favoráveis a Pio XII	75

CONCLUSÃO.....	79
BIBLIOGRAFIA	81

INTRODUÇÃO

O Holocausto dos judeus praticado pelo regime nazista de Adolf Hitler foi um massacre em massa sem precedentes na história da humanidade. A morte de seis milhões de judeus choca o mundo até hoje e qualquer assunto que esteja dentro desse momento da história da humanidade é sempre muito discutido.

Não é diferente quando se fala da figura do Papa Pio XII e seu modo de agir frente a esses fatos. Existe muita discussão se seus silêncios condenaram à morte os judeus ou se foram necessários para que a Igreja pudesse agir sem ser impedida pelo nazismo. É discutido se Pio XII é o Papa de Hitler, ou se é mesmo o *Pastor Angelicus* da Igreja, o Papa dos Judeus.

Muito se debate em volta desse assunto, porém o que se percebe é que muitos somente querem acusar ou defender o Papa por seus gostos e paixões pessoais. A história não pode ser transformada num tribunal no qual se absolve ou condena uma pessoa, uma ação ou fato.

Tendo isso em vista, esse trabalho pretende apresentar uma análise historiográfica acerca do silêncio de Pio XII e como tem se dado a produção historiográfica focada nesse assunto e desse modo pensar, entre condenação e defesa quais seriam os reais elementos de análise histórica em termos de omissão e estratégia

diplomática? Sem querer esgotar o assunto, pois isso é impossível em se tratando de uma questão tão delicada e complexa quanto a que foi estudada, utilizo-me nessa pesquisa de fontes e manuais contrários e favoráveis ao Papa.

O primeiro capítulo quer fazer um resgate biográfico de Eugenio Pacelli, desde sua infância até a época em que foi nomeado Núncio Apostólico em Berlim. É necessário fazer esse resgate, pois a história não pode retirar uma figura de seu contexto vital e analisa-la friamente, isso é anacronismo e um grave erro na pesquisa.

O segundo capítulo traz um resgate histórico sobre o momento pelo qual a Alemanha estava passando, suas crises pós-guerra, que foi o campo perfeito para o surgimento de Hitler e de suas doutrinas na criação do partido Nazista.

O terceiro capítulo quer fazer uma análise dos pronunciamentos magisteriais dos Papas Bento XV, Pio XI e Pio XII em relação ao nazismo, ao antissemitismo e as Guerras Mundiais. Não é intenção desse capítulo fazer juízo de valor sobre o que esses Papas falaram, mas simplesmente mostrar a posição da Igreja frente à realidade que estava oprimindo e matando tantos no mundo todo. Aqui é interessante analisar os diferentes modos de se posicionar frente os problemas dessa época, pois cada um desses pontífices falou de maneira diferente sobre as realidades que o cercavam.

O quarto e último capítulo traz a descrição dos posicionamentos contrários e favoráveis em relação a Pio XII. Não é um capítulo que visa mostrar qual posição é a mais correta, mas que serve para iluminar a discussão e fazer refletir sobre essas duas concepções em torno da figura desse Papa.

A intenção ao pensar no tema e compor o trabalho é de pensar sobre esse assunto, o qual está longe de ser encerrado, e por isso é sempre atual e pertinente. A intenção aqui é recolher e descrever ações, fatos e testemunhos para que não seja feita uma defesa ou condenação apaixonada, destacada da realidade somente por questões

personais. Não é pretensão de o trabalho responder diretamente se houve omissão ou se aconteceu uma estratégia diplomática para preservar vidas. Mas pretende analisar o procedimento historiográfico de autores que dissertam sobre esse tema em seu embasamento nas fontes disponíveis no momento e no método utilizado por eles.

I. VIDA DE EUGENIO PACELLI¹

Para fazer uma análise historiográfica acerca da pessoa e dos posicionamentos do Papa Pio XII na Segunda Guerra Mundial, é imprescindível entender seus primeiros anos de vida, o contexto familiar em que nasceu e viveu, o modo como sua religiosidade e intelectualidade foram formadas e como foram seus passos no sacerdócio, no episcopado e como núncio apostólico na Alemanha no momento da Primeira Guerra Mundial e no período entre guerras.

Para que seja feita uma análise Historiográfica séria de extrema importância entender o contexto vital daquilo que está sendo estudado e observado. O anacronismo, ou seja, o ato de analisar um fato ou pessoa fora de seu contexto, fora de seu tempo, é um grave erro que pode comprometer a seriedade de qualquer pesquisa. Sabendo disso, colocando o objeto de pesquisa dentro de seu contexto histórico e social, afasta-se do erro de transformar o historiador em juiz e a Historiografia num tribunal onde se condena ou absolve alguém ou algum fato.

¹ Nesse capítulo utilizo-me das seguintes obras para traçar a vida de Eugenio Pacelli: LEVILLAIN, Philippe, *Dizionario Storico Del Papato*; REARDON, MARY – Lenn, LOTTIE. *O Papa Pio XII, Baluarte da Paz*; CORNWELL, John. *O Papa de Hitler, A história secreta de Pio XII*; SHARKEY, Don. *Pio XII e o Vaticano II*.

É essa a motivação deste primeiro capítulo: entender a figura de Eugenio Pacelli, futuro Papa Pio XII, em seu contexto vital, bem como o modo como agiu em sua vida eclesiástica desde o sacerdócio até a nunciatura na Alemanha e assim tentar compreender seus posicionamentos naquilo que desempenhou em seu ministério dentro da Igreja.

1.1. Infância, época de seminário e sacerdócio.

Eugenio Maria Giuseppe Giovanni Pacelli nasceu no dia 2 de Março de 1876 em Ponte, subúrbio de Roma e faleceu em Castel Gandolfo em 9 de Outubro de 1958. É o segundo de quatro filhos de Filipe Pacelli e Virginia Graziosi. Eugenio Pacelli pertencia a uma família muito próxima aos ambientes vaticanos e ao serviço à Santa Sé. Seu pai era advogado da Sagrada Rota Romana, uma espécie de tribunal do Papa e, segundo Andrea Riccardi no *Dizionario Storico del Papato*, foi também advogado consistorial em 1869². Sua mãe provinha de uma família conhecida pelos serviços prestados à Santa Sé especialmente no campo financeiro. Seu avô, Marcantonio Pacelli, foi ministro das finanças papais durante o pontificado de Gregório XVI e tinha acompanhado o papa Pio IX quando de sua expulsão de Roma, em 1848, pelo Estado italiano.

Esses primeiros dados acerca do ambiente familiar no qual Eugenio Pacelli viveu já mostram como seria sua formação, tanto religiosa quanto social e humana. A família Pacelli fazia parte da pequena nobreza de Roma, a Nobreza Negra, que se caracterizava justamente pelos serviços prestados à Sé Romana e por ter ficado ao lado do Papa quando este foi exilado e os domínios do Estado Pontifício foram confiscados pelo Estado italiano, tanto que seu irmão, Francesco Pacelli teve um papel de grande

² RICCARDI, Andrea. “Pio XII” in LEVILLAIN, Philippe, *Dizionario Storico del Papato*, p. 1175.

importância nos trabalhos que colocaram fim à Questão Romana e trouxeram à vida o Tratado de Latrão em 1929, que reconheceu o Estado Pontifício do Vaticano e fez com que o Papa pudesse voltar a residir nas Terras de São Pedro.

Por estar sempre rodeado por esse ambiente eclesial e religioso, tanto em casa quanto por estar tão perto do Vaticano, é natural que Eugenio sempre tivesse a necessidade de servir a Igreja mais de perto desde criança. Tanto foi assim que aos dez anos de idade servia como coroinha em sua paróquia e demonstrava já o interesse em ser padre ao celebrar missas em seu quarto, munido de paramentos, objetos litúrgicos improvisados e tudo quanto necessitava para os atos litúrgicos. É interessante notar esse amor pela Igreja que Eugenio cultivava em seu coração desde criança e a profunda espiritualidade e dedicação com a qual executava tudo o que lhe era confiado. Esse traço de sua característica será evidenciado fortemente em sua vida posterior como Núncio Apostólico e mais tarde como Papa. Seu amor pela Igreja de Cristo se mostrou nos momentos em que a Igreja necessitava de palavras de esperança e de fé, e também nos momentos em que era necessário pulso firme para guiar o povo de Deus em meio às ideologias totalitárias e conflitos vividos em todo mundo, tanto durante a Segunda Grande Guerra Mundial, quanto no tempo do pós-guerra e também enquanto Núncio na Alemanha.

Eugenio Pacelli participava com sua família da paróquia da Congregação do Oratório³ em Roma e assim teve em seu caminho espiritual a ajuda do padre Giuseppe Lais, sacerdote desta congregação, o qual agia como uma espécie de pedagogo na vida do jovem Pacelli enviando sempre relatórios sobre seu crescimento espiritual para os pais de Eugenio. Além disso, teve suas primeiras instruções, seu primeiro catecismo, com sua mãe, em casa.

³ Congregação fundada por São Filipe Neri em 1565 em Roma.

Foi uma criança inteligente desde sempre se destacando na escola entre seus colegas por seus apurados argumentos em debates. Após um retiro e após terminar os estudos secundários resolve entrar para o seminário no mais antigo dos colégios de Roma, o Capranica, em 1893, durante o papado de Leão XIII. Porém Pacelli com sua saúde frágil só permaneceu no regime de internato por um único ano. Assim, reconhecendo suas capacidades e percebendo que sua dispensa seria uma grande perda para a Igreja, foi lhe concedido continuar seus estudos em casa, algo que raramente acontecia.

É de grande importância notar esses fatos na vida do jovem Pacelli. Como diz Sharkey em seu livro *Pio XII e o Vaticano*: “Eugenio, com seu espírito brilhante e perspicaz, teria dado também um excelente advogado (...)”⁴ como seu irmão Francisco. É notável o reconhecimento da inteligência de Pacelli desde sua juventude e, ainda mais, a confiança que a Igreja já depositava nesse jovem, mostrando que não era um jovem como qualquer outro que já ingressara naquele antigo seminário. Era alguém diferente que poderia trazer grandes benefícios e ter um futuro grandioso na Igreja. Interessante notar que esse reconhecimento veio em tempos que já existiam mentes brilhantes no meio eclesiástico e ser notado como alguém diferenciado dos demais com certeza é uma qualidade a ser ressaltada na juventude do futuro Papa.

Como estudante do Colégio Capranica Eugenio Pacelli termina seus estudos e em 2 de abril de 1899 é ordenado sacerdote, celebrando sua primeira missa no dia posterior na igreja de Santa Maria de Vallicella, construída por São Filipe Neri alguns séculos antes. Em 1902, mostrando mais uma vez sua grande capacidade intelectual, consegue a graduação *in utroque iure*, ou seja, o futuro papa Pio XII era formado em Direito Canônico e Direito Civil. Essa graduação *num e noutro Direito* será

⁴ SHARKEY, Don, *Pio XII e o Vaticano*, p. 36.

determinante para o restante de sua caminhada como padre e futuro Núncio Apostólico na Alemanha mais tarde em sua vida. Andrea Riccardi no verbete *Pio XII* no *Dizionario Storico del Papato* diz:

“O jovem eclesiástico mostrava inegável interesse cultural: frequentava as conferências dominicais do Monsenhor Duchesne e acompanhava os cursos do historiador alemão Beloch. Mas sua especialização era jurídica (publicou também um estudo sobre *A personalidade e a territorialidade das leis, particularmente no direito canônico*); por isso o Cardeal Gasparri o nomeou em 1904 como secretário da comissão para a codificação do Direito Canônico”.⁵

Por sua notável inteligência e seu talento na área jurídica, o Padre Pacelli foi nomeado para a Congregação dos Assuntos Eclesiásticos Extraordinários. Era através dessa congregação que passavam numerosas questões diplomáticas relativas às dioceses e aos governos do mundo inteiro. Durante esse período o jovem padre recebe várias ofertas para ensinar direito canônico no Apolinário de Roma e na Universidade Católica de Washington, porém seus superiores queriam que continuasse no Vaticano onde lecionava direito civil na Academia de formação dos diplomatas do Vaticano. Além disso, Pacelli também teve grande importância na nova redação do Código de Direito Canônico de 1917.

Em 1914, ano em que eclodira a Primeira Grande Guerra Mundial, Pacelli foi nomeado secretário da Congregação dos Assuntos Eclesiásticos Extraordinários. Nesse momento dramático encontramos a atuação de Eugenio Pacelli junto ao Papa Bento XV. Segundo Andrea Riccardi, Pacelli era um dos principais colaboradores de Bento XV nas tentativas de estabelecer a paz entre os países e mediar o conflito para evitar que o número de nações envolvidas crescesse⁶.

Percebemos que a afinidade de Eugenio Pacelli com as questões diplomáticas, sua grande inteligência e sua formação *in utroque iure* traçam o caminho do restante de

⁵ RICCARDI, Andrea. “Pio XII” in LEVILLAIN, Philippe *Dizionario Storico del Papato*, p. 1175. [tradução nossa]

⁶ Cf. *ibidem*, p. 1176-7.

sua vida e sacerdócio. Ao perceber seus dons logo foi elevado a postos cada vez mais altos e exigentes dentro da Igreja. Era muito estimado por todos e gozava sempre mais da confiança dos eclesiásticos dentro na Santa Sé, como o Cardeal Gasparri que o antecedeu na Congregação dos Assuntos Eclesiásticos Extraordinários e inclusive do Papa Bento XV que sagra Monsenhor Pacelli como Arcebispo na Capela Sistina. É interessante notar que a data para sua sagração episcopal foi o dia 13 de Maio de 1917, exato dia em que Nossa Senhora de Fátima aparecia pedindo paz ao mundo imerso nos horrores da primeira guerra Mundial.

É nesse mesmo ano que o Arcebispo Eugenio Pacelli é nomeado como Núncio Apostólico (representante diplomático do Papa nos países aos quais é enviado) na Baviera, um passo importante em sua vida e missão durante a Primeira Grande Guerra Mundial.

1.2. Eugenio Pacelli, Núncio Apostólico.

Esse momento da vida do futuro Papa Pio XII é extremamente importante, pois foi como Núncio na Baviera e posteriormente em Berlim que Eugenio Pacelli pôde tocar e ver de perto os horrores da guerra e presenciar o crescimento do movimento nazista na Alemanha. Estando perto dessa terrível realidade, Pacelli viu que todos queriam paz, mas não a conseguiam.

A nunciatura da Baviera era a única representação Católica em toda a Alemanha, o único vínculo entre o Estado do Vaticano e o Estado alemão, era uma parte da Alemanha, um “estado dentro do estado”, mais do que província subsidiária. Possuía organização administrativa e legislativa própria. E é nesse ponto que repousa a importância de se ter nomeado um Núncio para tal lugar.

Com a nomeação de um Núncio para esse local as tentativas de paz foram tomando forma. Os esforços de Bento XV para conseguir a paz entre os combatentes e o fim da guerra foram grandes, fez de tudo que estava ao seu alcance para por fim ao embate, mas sua voz foi rejeitada em meio aos conflitos como todas as vozes que se levantavam a favor da paz e da fraternidade. Mesmo assim Bento XV conseguiu por várias vezes a permuta de prisioneiros. Aqui emerge a importância de Eugenio Pacelli como núncio Papal. Ele foi encarregado dessa tarefa de permuta e trabalhou dia e noite para que isso ocorresse da melhor maneira possível dentro das limitações de seu cargo.

Com Bento XV, Pacelli conseguiu reunir prisioneiros de guerra com suas famílias, conseguiu fazer com que milhares de soldados fossem levados para a Suíça a fim de se curarem, sobretudo da tuberculose. Por intermédio do esforço conjunto do Papa e de seu secretário, várias famílias que tinham membros desaparecidos conseguiam notícias deles através dos serviços de informação do Vaticano. Com isso percebemos que mesmo que não tenha colocado um fim à Guerra, o Vaticano trabalhou incansavelmente para amenizar seus efeitos naquele povo sofrido e abatido pelo que se passava.

Um evento bastante importante durante a nunciatura do futuro Pio XII na Baviera foi aquele de agosto de 1917. O Papa Bento XV opera aqui uma das maiores tentativas de paz em seu pontificado: com sua *Nota aos beligerantes*⁷ propõe às nações que suspendessem a guerra que era, segundo ele, um massacre inútil, e concordassem com um plano de paz descrito em sete pontos. Esses pontos incluíam a redução de armamentos a resolução das divergências por meio de arbitragem, a liberdade de comunicação pelos mares, a recíproca anulação dos danos e das despesas de guerra, e a restituição dos territórios ocupados. A *Nota* é composta de três partes: na primeira parte

⁷ <http://www.vatican.va/archive/aas/documents/AAS-09-I-1917-ocr.pdf> p.421-423

temos uma visão retrospectiva às precedentes exortações de paz do papa; a segunda parte é um convite aos governos para o desarmamento gradual; na terceira parte há um apelo conclusivo a por fim, a partir de um tratado, ao inútil estrago da guerra. Foi o Arcebispo Pacelli quem apresentou esse plano de paz ao governo Alemão: viajou para Berlim para apresentá-lo ao chanceler e ao Kaiser, Guilherme II.

Em um primeiro momento o governo alemão pareceu aceitar essa proposta, porém o Kaiser recusou-se arrogantemente a tomá-las em consideração num segundo momento, pois acreditava que o mesmo era maquinação dos inimigos da Alemanha. Com efeito, Bento XV era chamado pelos Aliados de *le pape boche* (o papa alemão), pois acreditavam que o papa pendia para o lado da Alemanha por causa de uma promessa da nação de devolver Roma à Santa Sé após a Itália ser derrotada. Já os alemães, ao recusarem seus pontos de paz, o chamavam de *der französische Papst*, o papa francês. Interessante notar que um ano após a recusa desses esforços de paz de Bento XV e seu Núncio, o presidente Wilson anunciou seu programa de paz com catorze pontos, sendo que sete eram idênticos aos pontos apresentados pela Igreja.

O Arcebispo Pacelli, mesmo após ter falhado com o Kaiser, pregava incansavelmente a favor da paz em suas homilias e alocações e também auxiliava materialmente e economicamente os prisioneiros de guerra.

São de grande valor também as visitas que Pacelli fazia aos prisioneiros na Alemanha. São pontos pouco considerados de sua atividade nesse país. Ele mesmo administrava as ajudas vindas do Vaticano: em 17 de outubro de 1917 Pacelli visita um campo de prisioneiros em Puchheim onde estão seiscentos soldados franceses e mais de mil russos. Diz o arcebispo em francês aos prisioneiros:

“É em nome do papa que vos digo: coragem e esperança! Se em certos momentos a vossa vida presente vos parece muito pesada, lembrai-vos que foi um que por amor, por dedicação a nós, portou

uma cruz mais pesada e não menos sangrenta; e procurem na oração nova força para suportar vosso Calvário!”⁸

Essa mensagem, somada às várias ajudas materiais, mostram a proximidade de Pacelli com os horrores das dores causados pela guerra.

Em 11 de novembro de 1918 é assinado o Armistício de Compiegne entre as forças Aliadas e a Alemanha com o objetivo de encerrar as hostilidades da Primeira Grande Guerra Mundial. Nesse momento a Alemanha derrotada encontrava-se em colapso e no meio de uma revolução socialista. Havia revoltas em toda parte e o povo sofria pela insegurança em meio a ataques terroristas e organizações comunistas. Nesse momento o governo se retirou da cidade, bem como todos os diplomatas que ali residiam. Porém o Arcebispo Pacelli ali permaneceu como uma voz de paz e segurança para seu povo pregando contra o comunismo, chegando até o ponto de ter a nunciatura invadida pelos comunistas querendo assassiná-lo.

Em 1919, com grande empenho de Pacelli, foi assinada a Concordata da Baviera pela qual a Santa Sé reservou a si o direito de nomear bispos, desde que os nomes fossem submetidos à consideração do governo do país; também nessa Concordata os bispos deveriam ter o direito de nomear pastores, desde que fossem cidadãos alemães. A Concordata dizia ainda que o Estado proporcionaria recursos financeiros para a manutenção dos edifícios e a educação católica seria permitida, de acordo com as regras gerais do Departamento de Educação. Após o êxito do tratado o Núncio Pacelli passou a residir em Berlim, capital da nova República Alemã, em 1926.

Essa permanência de Pacelli em Berlim gerou frutos importantes para a Igreja local, pois conseguiu concluir duas Concordatas em 1929: uma com a Prússia e outra com a Baviera, além de iniciar as negociações com Baden e Wartenberg. A Concordata

⁸ TORNIELLI, ANDREA, *Eugenio Pacelli, un uomo sul trono di Pietro*, 2007, p. 91. (tradução nossa)

com a Prússia foi dificultosa, pois era um Estado predominantemente não católico, mas mesmo assim o Núncio obteve condições mais favoráveis para o povo católico, principalmente no que se diz respeito à educação católica e a liberdade do culto religioso sem perseguições.

O Ano de 1929 também propiciou à Igreja a assinatura do Tratado do Latrão com o governo de Benito Mussolini na Itália. Esse tratado foi ratificado em sete de junho de 1929, dando fim à "Questão Romana" e consistia em definir as relações entre a Igreja e o Estado italiano, reconhecer a situação soberana da Santa Sé em assuntos internacionais. O tratado criou também um novo território Vaticano, governado pelo Papa que adquire o direito de assegurar cidadania aos que residem no local. Nesse mesmo ano o arcebispo Pacelli é chamado a ser Cardeal da Igreja e também a suceder o Cardeal Gasparri no posto de Secretário de Estado do Papa Bento XV.

1.2.1. A Concordata com o Terceiro Reich⁹

É dentro desse importante momento da História que o Cardeal Pacelli empreende um de seus maiores trabalhos como Núncio Apostólico na Alemanha: além de assinar três Concordatas, uma com a Baviera em 1924, outra com a Prússia em 1929 e uma com Baden em 1932, assina também no dia 20 de Julho de 1933 a Concordata entre a Santa Sé, representada por Pio XI e o Cardeal Pacelli, e o Reich Alemão na pessoa de Hitler¹⁰ e do Vice-Chanceler alemão Franz Von Papen.

⁹ Nesse subtítulo utilizo-me das seguintes bibliografias: LEVILLAIN, Philippe, *Dizionario Storico Del Papato*; TORNIELLI, Andrea. *Pio XII, O Papa dos Judeus*; o texto da Concordata com o Reich de 1933 foi retirado de http://www.vatican.va/roman_curia/secretariat_state/archivio/documents/rc_segst_19330720_santa-sede-germania_it.html.

¹⁰ Adolf Hitler, nascido em 1883, morto em 1945. Dá início à Segunda Guerra Mundial com a invasão da Polônia em 1939 e organiza deportações e o extermínio sistemático dos judeus.

Essa Concordata é alvo de várias críticas e coloca Pacelli definitivamente como um amigo dos alemães. Porém uma Concordata não deve ser tratada como um pacto de amizade. A política concordatária era um meio pelo qual a Igreja tentaria manter sua permanência e sua liberdade dentro do Estado totalitarista no qual a Alemanha havia se transformado. Essa Concordata foi então um acordo entre Estados, sendo que o Papa pelo tratado de Latrão era agora considerado um chefe de Estado como qualquer outro, assinado pela Santa Sé para que não houvesse uma virtual eliminação da Igreja Católica pelo Reich, já que Hitler já tinha começado alguns ataques esporádicos a padres e associações da Igreja. Outros Estados, como a França, a Inglaterra e a Itália já haviam firmado acordos com o Terceiro Reich, o que descaracteriza a ação da Igreja como uma forma de amizade com Hitler.

O texto da Concordata de 1933 é altamente favorecedor à Igreja Católica e aos seus trabalhos pastorais e caritativos dentro da Alemanha. No artigo primeiro é garantida a ela a liberdade de professar e praticar publicamente a religião Católica. O artigo terceiro determina que para manter as boas relações entre a Santa Sé e Reich Alemão, um Núncio Apostólico residirá na capital do Reich e um embaixador residirá na Santa Sé. O artigo quinto diz que o clero goza de proteção estatal do mesmo modo que os oficiais do Estado têm essa proteção. O artigo trinta e um protege também as organizações e sociedades caritativas da Igreja. E por fim o artigo trinta e dois determina que o clero tenha que ser excluído de qualquer partido político ou de trabalhar em prol de algum desses.

Esses pontos elencados mostram que a Concordata assinada com o Terceiro Reich trazia vários benefícios à Igreja, ela seria protegida pelo Estado e teria pleno direito e liberdade de pregar e ensinar. Mesmo o artigo trinta e dois, que parece calar a Igreja diante do cenário político, limita somente a participação do clero nos partidos políticos.

Comentando isso, Andrea Tornielli em *Pio XII, o Papa dos Judeus* afirma que: “... no texto, dizia-se que a Igreja mantinha a faculdade de explicar sem restrições a doutrina católica e, portanto, perante uma lei considerada injusta, tinha todo o direito de protestar”¹¹, o que indica a forte liberdade prometida por Hitler a toda Igreja na Alemanha.

A assinatura da Concordata marca ainda um ponto interessante na personalidade do então Cardeal Pacelli, como núncio e futuramente como Papa. Ele assina esse documento pensando justamente nas represálias que os católicos alemães poderiam sofrer caso a Igreja não aceitasse os termos de Hitler. A conclusão da Concordata não significava, segundo Pacelli, a aprovação das doutrinas e tendências do nacional-socialismo, porém reconhecia que nos anos sucessivos essa ação assegurou alguma vantagem à Igreja e pelo menos impediram males maiores de acontecer com seus padres, bispos, religiosos e fiéis leigos¹².

Mesmo com todas essas vantagens, a Igreja não confiava totalmente nas palavras do *Führer* e de Franz Von Papen. E essa desconfiança teve razões para surgir, pois apenas cinco dias depois da assinatura da Concordata entre o Reich e a Igreja, é promulgada a lei nazista sobre a esterilização que violava claramente os termos do tratado, além disso, padres católicos foram presos e enviados para campos de concentração, publicações católicas foram suprimidas e boa parte dos bens da Igreja foi confiscada pelo Estado alemão.

Essas ações do futuro Papa Pio XII como núncio na Alemanha mostram sua proximidade com aquilo que estava prestes a acontecer. Essa quebra do contrato da Concordata pela parte de Hitler mostra quais eram os ideais do *Führer*, o modo pelo qual ele ia agir dali para frente. O Núncio conhecia muito bem as ideologias que

¹¹ TORNIELLI, Andrea, *Pio XII, o Papa dos judeus*, p. 85.

¹² Cf. RICCARDI, Andrea. “*Pio XII*” in LEVILLAIN, Philippe, *Dizionario Storico del Papato* p. 1177.

estavam emergindo, sabia que o futuro não seria fácil e sabia aquilo que a Igreja enfrentaria dali para frente.

Após localizar a figura e as ações de Eugenio Pacelli dentro de todo esse contexto de Primeira Guerra Mundial e período entre guerras e tentar compreender como se formou seu caminho para o futuro Papado, faz-se necessário estudar como surgiu o movimento nazista, seus conceitos e ideologias para entender aquilo contra o qual Pacelli e o Papa Pio XI, sucessor de Bento XV lutaram incansavelmente.

II. O NAZISMO

Este capítulo tem a intenção de observar o contexto de nascimento, a origem e as doutrinas do sistema Nazista que Adolf Hitler fundou e sustentou no Terceiro Reich e que culminou no Holocausto, a *Shoah* em hebraico, dos judeus em várias partes da Europa.

Esse estudo se faz necessário para compreender como funcionou esse sistema político racista e antissemita contra o qual estava lutando Eugenio Pacelli, enquanto era Núncio Apostólico, juntamente com os papas Bento XV e Pio XI, e contra o qual continuará lutando após ser eleito ao sólio petrino em 2 de Março de 1939, alguns meses antes do início da Segunda Guerra Mundial¹³.

2.1. Contexto e origem do Nazismo.

Para situar e tentar compreender o surgimento do regime Nazista, bem como de Adolf Hitler, é necessário entender antes a situação política, social e econômica da

¹³ A Segunda Guerra Mundial foi um conflito militar iniciado em 1 de setembro de 1939 após a Alemanha invadir a Polônia através de Varsóvia. Durou até 2 de setembro de 1945, com a vitória dos Aliados (tendo a URSS, os EUA, o Império Britânico e a China como principais expoentes).

Alemanha pós Primeira Guerra Mundial que é uma consequência de dois eventos decisivos: a assinatura do Tratado de Versalhes e a instituição da República de Weimar, ambos nos idos dos anos 1919.

2.1.1. O Tratado de Versalhes

Após algumas vitórias na Guerra, em 1918, a Alemanha tenta uma de suas últimas ofensivas militares. Porém com um exército extremamente reduzido, com sua nação ao passo de uma ruína econômica e militar devido à grande miséria e sem nenhum aliado, os alemães assinam o armistício no início de novembro desse mesmo ano, decretando dessa maneira sua rendição, dando-se por vencidos¹⁴.

Após essa derrota, em 1919, já terminada a Primeira Guerra Mundial, a Alemanha se vê obrigada a assinar, em 28 de junho, o Tratado de Versalhes com os países da Tríplice Entente, vitoriosos na Guerra, cujo objetivo era o de fazer com que os vencedores fossem restituídos dos danos econômicos e políticos causados pela Guerra e que a Alemanha aceitasse a responsabilidade por tê-la causado.

O Tratado de Versalhes cobria planos territoriais, militares e econômicos¹⁵. No plano territorial a Alemanha deveria restituir a Alsácia e a Lorena à França, tomadas pelos alemães quarenta anos antes. A Bélgica receberia de volta as cidades de Eupen e Malmedy; Dinamarca recebe Schelswwig; a região industrial de Sarre é colocada sob a tutela da Liga das Nações¹⁶ e após 15 anos poderá decidir, através de um plebiscito, entre pertencer à França ou à Alemanha; ao leste a Alemanha perde a Posnania e uma parte da Prússia Oriental para a Polônia, que agora poderá usar o porto de Danzig,

¹⁴ Cf. BERSTEIN, Serge – MILZA, Pierre, *História do Século XX, 1900-1945 – O fim do “mundo europeu”*. p. 96.

¹⁵ Cf. *ibidem*, p.114-6.

¹⁶ Sociedade composta por 44 estados que foi criada pelo Tratado de Versalhes e cujo intuito era o de assegurar a paz no mundo.

grande cidade alemã colocada aos cuidados da Liga das Nações e agora tornada livre; Memel é anexada à Lituânia em 1925. Os alemães também perdem todas as suas colônias na África, na China e no Pacífico que passam, a partir daí, para a tutela das principais potências envolvidas no Tratado.

No plano militar o Tratado impõe à Alemanha a abolição de seu serviço militar, tendo seu exército reduzido a 100 mil homens, sendo que somente cinco mil são oficiais. Também é vetada a posse de veículos blindados, de aviação e de artilharia pesada. Sua marinha, obrigada a se render, prefere afundar seus navios no norte da Escócia em 26 de junho de 1919.

Além dessas perdas no plano militar e territorial, há também a perda econômica, que se torna também uma perda moral de certo modo. No artigo 231 do Tratado a Alemanha é obrigada a se declarar culpada e responsável pela Guerra, isso faz com que tenha de pagar uma indenização aos Aliados de um montante de 132 bilhões de marcos-ouro em trinta parcelas anuais.

A partir do Tratado de Versalhes a Alemanha se vê extremamente reduzida e ainda mais empobrecida. Os custos da Guerra, tanto humanos, quanto econômicos, políticos e militares, se tornam altíssimos. Dentre uma população ativa de 20.430 homens, a Alemanha tem 2.000 mortos¹⁷. Sua economia afunda cada vez mais.

2.1.2. A República de Weimar.

Ainda dentro desse contexto pós-guerra e anterior ao Tratado de Versalhes temos a instauração de uma nova forma de governo na Alemanha. Em 1919 o país se torna uma república federal, dotada de instituições democráticas parlamentares. A

¹⁷ Cf. BERSTEIN, Serge – MILZA, Pierre, *História do Século XX, 1900-1945 – O fim do “mundo europeu”*, p.123.

Alemanha agora seria formada por dezessete estados (*Länder*) onde cada um manteria sua própria assembleia e seu governo, de certo modo seriam independentes, porém continuariam subordinados à autoridade do presidente do Reich¹⁸. Esse novo governo é chamado de República de Weimar e durou de 1919 até o surgimento do Nazismo hitlerista em 1933.

O surgimento da República de Weimar remonta aos finais da Primeira Guerra Mundial, em 1918, onde os alemães estavam sendo derrotados. O Kaiser Guilherme II foge ao perceber a derrota iminente. Com a fraqueza e descrédito da monarquia frente à humilhação no conflito, os militares alemães incitam à fundação de um novo governo e em 28 de outubro de 1918, a nova constituição alemã estava pronta, fazendo com que o *Reich* se transformasse numa república parlamentar e, em 14 de setembro de 1919 a nova forma de governo estava implantada. Dessa forma, o Chanceler da República devia responsabilizar-se à nação perante o *Reichstag* (Parlamento Alemão) e não mais perante o imperador do *Reich*. O príncipe Maximiliano de Baden assumiu o cargo de chanceler, sendo Ebert o presidente da nova república.

Durante alguns anos, mais precisamente de 1919 a 1923, a nova república instaurada atravessa uma grave crise econômica. Logo após o término da guerra, tendo-a perdido e em consequência do pagamento das dívidas e perda de territórios por causa do Tratado de Versalhes, a Alemanha mergulha numa inflação extrema que acaba refletindo na vida das camadas mais pobres, dos operários e da classe média. Com isso, as desordens políticas começam a aumentar, colocando em risco o futuro da República de Weimar, que pretendia ser a salvação dos alemães. Vários golpes e atentados começam a aparecer devido a insatisfação das massas¹⁹.

¹⁸ Cf. BERSTEIN, Serge – MILZA, Pierre, *História do Século XX, 1900-1945 – O fim do “mundo europeu”*, p. 202.

¹⁹ Cf. *ibidem*, p. 205-6

Logo após esse momento turbulento a República começa a sentir uma guinada, começa a se recuperar financeiramente e sentir uma leve prosperidade econômica que vai de 1924 até 1929, com a grande crise econômica mundial ocasionada pela quebra da bolsa de Nova York nos EUA, que durante esses anos havia se tornado uma potência mundial ao importar seus bens para os países que participaram da guerra. A crise aconteceu porque os EUA insistiram em querer manter seu alto nível de produção e importação mesmo após esses países já terem conseguido se estabelecer e se reconstruir financeiramente, não necessitando mais de importar seus produtos²⁰.

A República de Weimar também sente o golpe que a crise de 1929 ocasionou. Sem o apoio dos EUA, a República cai novamente num período complicado em sua economia, que reflete mais uma vez nos campos sociais e políticos. Aqui tem “início” uma reviravolta na história da Alemanha que conseqüentemente incide e traz graves conseqüências na história mundial.

2.2. O advento e tomada do poder de Adolf Hitler

Com o declínio da nova República de Weimar cada vez mais aparente nos anos 1929-1930 a insatisfação das massas só aumenta. Weimar acaba por se tornar um governo fraco. O *Reichstag* já não consegue mais resolver os problemas que aparecem e nem dar um fim às inúmeras revoltas e tentativas de golpe que surgem em cada parte da Alemanha. O povo está descontente, e sofrendo cada vez mais, mesmo após uma breve prosperidade, com a fome e a miséria e se sente humilhado: além de terem perdido a guerra, vários dos seus morreram em favor do país para não obterem nenhum retorno e, pior, ainda são submetidos ao Tratado de Versalhes.

²⁰ Cf. ARRUDA, José Jobson de A, *História moderna e contemporânea*, p. 312.

Em meio a esse clima de desconfiança e humilhação surgem vários partidos políticos que prometem uma melhora de vida na Alemanha. Porém o partido que mais tem destaque é o Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães, ou Partido Nazista, fundado por Hitler, também desacreditado do novo governo, logo após se estabelecer em Munique²¹.

O *NSDAP*, sigla do partido em Alemão, contava na época com “3000 membros, dispõe de uma milícia armada, as SA (*Sturmabteilungen*: seções de assalto), e publica um semanário”²².

Adolf Hitler era um grande orador, sabia muito bem trabalhar com as palavras e com os ânimos dos que o ouviam. Em seu *Mein Kampf* ele mesmo demonstra esse fato quando participa das reuniões do partido ainda emergente. Os primeiros encontros, nos quais ele não havia ainda se manifestado oralmente, eram pouco frequentados, porém após colocar suas opiniões em debate e discursar durante longos períodos ele mesmo diz que o número de pessoas foi aumentando, tanto que precisaram mudar o local em que se reuniam²³, pois se tornara pequeno para comportar todos que vinham escutar o novo líder das massas falar.

Dentro de todo esse contexto de sofrimento, pobreza e falta de esperança no governo vigente e sempre crescente humilhação, a figura de Adolf Hitler cresceu cada vez mais. De um simples orador num pequeno partido político ele se tornou como que o salvador da pátria, aquele que resolveria todos os problemas da nação e os levaria novamente à glória passada.

Essa visão de Hitler se deve muito àquilo que escreveu sobre seu partido e como deveriam ser fanáticos aqueles que aderissem a ele. No *Mein Kampf* Hitler diz:

²¹ ARRUDA, José Jobson de A, *História moderna e contemporânea*, p. 338.

²² BERSTEIN, Serge – MILZA, Pierre, *História do Século XX, 1900-1945 – O fim do “mundo europeu”*, p. 344.

²³ Cf. HITLER, Adolf, *Mein Kampf*, p. 260-262.

“Durante todo o inverno de 1919-1920, nossa principal luta foi no sentido de fortalecer a fé na força conquistadora do novo movimento e elevá-lo às alturas do fanatismo capaz de abalar montanhas²⁴”.

Em outro ponto, ainda sobre o fanatismo, ele diz: “O futuro do movimento depende do fanatismo, mesmo da intolerância, com a qual seus adeptos o defendem como a única causa justa e defenderem-na em oposição a quaisquer outros esquemas de caráter semelhante. É um grande erro pensar que o movimento se torna mais forte quando se liga a outros, mesmo que possam ter fins parecidos”²⁵

Esse culto à pessoa de Adolf Hitler também se deve a sua declarada insatisfação com o cenário político da Alemanha. Era inconcebível para ele a derrota na guerra e os caminhos que a República de Weimar estava tomando, como diz em seu livro: “Estávamos justamente em uma época em que todo o mundo se julgava habilitado a fundar um novo partido, isso porque a ninguém agradava o rumo que as coisas tomavam e os partidos existentes não mereciam nenhuma confiança”²⁶. Essa passagem mostra claramente como Hitler estava em sintonia com os pensamentos do povo, todos desejavam um novo rumo e seria ele quem daria esse novo rumo à Alemanha.

Esse desejo de dar um novo futuro à Nação Alemã levou Hitler a tentar tomar o poder após lançar as bases de seu Partido Nazista. Com seus ideais nacionalistas, em novembro de 1923 Hitler tenta um golpe na Baviera, local onde seu partido estava bem organizado contando com uma variedade de seguidores, contra a República de Weimar. O *putsch*, como é chamada essa tentativa de tomar o poder, foi frustrado e Hitler é preso²⁷. É nessa época, em 1925, que escreve sua obra, *Mein Kampf* (Minha Luta), na

²⁴ HITLER, Adolf, *Mein Kampf*, p. 262.

²⁵ *Ibidem*, p. 257.

²⁶ *Ibidem*, p. 166.

²⁷ Cf. ARRUDA, José Jobson de A. *História moderna e contemporânea*, p. 338.

qual lança as bases e as doutrinas raciais do movimento nazista alemão, bem como descreve sua concepção de Estado.

Após essa tentativa frustrada de tomar o poder o Partido Nazista define: em 1924 conseguiu eleger somente 32 representantes, em 1928 elegeu só 14. Depois de ser liberto, Hitler quer chegar ao poder com muito mais gana que anteriormente. Desse modo ele reorganiza o partido e cria sua própria milícia chamada de *Schutzstaffeln*, usando a sigla SS para designá-la.

Com a ajuda de Joseph Goebbels, responsável pela propaganda; Heinrich Himmler, colocado como comandante da SS e Hermann Goering, Hitler consegue fazer essa reorganização e em meio à crise de 1930 o Partido Nazista torna-se verdadeiramente uma grande força política conseguindo conquistar as camadas mais afetadas pela pobreza e miséria, conquista também grande parte da juventude e do eleitorado feminino; consegue convencer, por fim, os patriotas alemães, de que devolverá à nação seu lugar de direito²⁸.

Aqui é importante notar a força que o Partido Nazista consegue angariar. Ao conquistar o apoio das camadas mais pobres, Hitler se torna como um salvador, como um dispensador de bênçãos e como aquele que pode dar vida nova ao povo sofrido. Para os jovens, Hitler é uma figura de um horizonte novo, o único remédio para seu futuro, que parece perdido. Por seus ideais nacionalistas, de amor à pátria e pela vontade de fazer a Alemanha grande novamente, Hitler conquista aqueles que participaram das derrotas sofridas e se sentem humilhados com isso. O fundador do Partido Nazista é tratado como a última esperança daqueles que enxergam o fim de sua vida mergulhado na humilhação.

²⁸ Cf. BERSTEIN, Serge – MILZA, Pierre, *História do Século XX, 1900-1945 – O fim do “mundo europeu”*, p. 344-5.

Ao ser assim venerado, Hitler quer empreender uma nova escalada ao poder e se tornar grande na Alemanha. Logo após reorganizar o Partido Nazista, Hitler tenta ser eleito nas eleições de 1932 sendo adversário de Hindenburg. Mesmo sendo derrotado, Hitler conseguiu uma quantia considerável de votos do povo alemão, mostrando assim como seu partido estava progredindo e sendo cada vez mais assimilado pela sociedade.

Durante as eleições seguintes o número de deputados nazistas começou a aumentar, porém com a dissolução do *Reichstag* acabaram por perder várias cadeiras e assim se iniciava mais fortemente a escalada ao poder de Hitler, pois Von Papen, ministro da república de Weimar, percebia que teria dificuldades para governar sem apoio dos nazistas. Ao perceber isso ele convence o presidente a colocar Hitler no cargo de chanceler do governo em 1933, sendo Von Papen seu vice-chanceler.

Desse ponto em diante Hitler começa a colocar seus planos em ação. Primeiro destrói a concorrência comunista, ao acusa-los de incendiar o *Reichstag* em 27 de Fevereiro, sendo que foram os nazistas a seu comando que o fizeram²⁹. Mais do que somente colocar a culpa nos comunistas, Hitler pressionou o presidente a assinar o decreto “*Para a proteção do povo alemão*”, em 28 de Fevereiro de 1933, apenas um mês após ter subido ao poder. Esse decreto foi um dos degraus mais importantes para que Hitler conseguisse tomar o poder, pois através dele as liberdades públicas são suspensas, os militantes de extrema esquerda são presos e o partido Comunista é proibido³⁰ tornando o caminho do futuro ditador mais fácil de ser trilhado e a conquista do poder cada vez mais próxima de ser efetivada.

A partir desse caos político criado por Hitler, convocam-se novas eleições e o novo *Reichstag*, dominado pelos nazistas, dá ao ditador plenos poderes. A partir daí todos os partidos são dissolvidos e proibidos de se reorganizarem, sobrando somente o

²⁹ Cf. ARRUDA, José Jobson de A. *História moderna e contemporânea*, p.339

³⁰ Cf. BERSTEIN, Serge – MILZA, Pierre, *História do Século XX, 1900-1945 – O fim do “mundo europeu”*, p. 349.

Partido Nazista. Os poderes dos Estados são transferidos para o Reich e Hitler, agora aclamado como *Fürher* (chefe, condutor) determina um chefe de Estado para cada região. A Gestapo, polícia do Estado, e as SA perseguem os opositores e, desde o início, os envia para campos de concentração. A partir de 1933 o novo governo inicia a perseguição dos protestantes e dos judeus e nesse ano também assina a Concordata com a Santa Sé, já tratada no capítulo anterior³¹.

Com a morte de Hindenburg, em 1934, Hitler se torna o chefe de Estado, além de ainda ser o chanceler do Reich. E num plebiscito 90% da população confirma essa decisão de acumular os dois cargos, mesmo sendo claras as violências e repressões do ditador.

Desse modo Adolf Hitler chega ao poder e instaura um regime nazista e totalitário na Alemanha. A partir daqui o ditador começa a gerir uma política cada vez mais racista e antissemitista, que acaba por culminar na Segunda Guerra Mundial em setembro de 1939, com a invasão de Varsóvia, na Polónia.

2.3. Conceitos do Regime Nazista

É importante entender nesse ponto do trabalho os conceitos que guiavam a mentalidade de Adolf Hitler e de seus seguidores. No *Mein Kampf* Hitler expõe toda uma série de doutrinas que devem ser acatadas para que o Estado Alemão seja o dominador de todos os povos.

2.3.1. Conceito de Totalitarismo

³¹ Cf. *Ibidem*. 350

Giacomo Martina no IV volume de sua obra *História da Igreja de Lutero a nossos dias* traz a conceituação do que seria o totalitarismo. Para ele totalitarismo é o amor da pátria do nacionalismo transformado num culto idolátrico ao Estado, o qual fomenta o desprezo por outros povos. O dever e o sacrifício nacionalistas são levados ao extremo num estado totalitarista a ponto do individuo se anular para que o Estado seja colocado acima de tudo. Para aqueles que acreditam num estado totalitário existe a crença de que somente um regime autoritário e violento colocaria novamente a nação de volta aos eixos³². Foi exatamente como aconteceu na Alemanha na época da fraca República de Weimar. Foi essa concepção que possibilitou que Hitler tornasse o regime nazista num regime totalitarista.

2.3.2. O racismo hitlerista

Para Hitler, os alemães eram a raça perfeita, superior em cultura e língua a qualquer outro povo. É interessante notar como Hitler deturpa os princípios darwinistas, no qual o animal mais forte domina sobre o mais fraco e assim é capaz de sobreviver. Para Hitler a humanidade está enquadrada nessa teoria. Os arianos, população alemã, são mais desenvolvidos e capazes que outros povos. Desse modo Hitler escreve no *Mein Kampf* toda uma gama de doutrinas racistas. Para ele

a concepção racista distingue a humanidade em seus primitivos elementos raciais. Ela vê no Estado, em principio, um meio para um fim e concebe como fim a conservação da existência racial humana. Consequentemente, não admite em absoluto, a igualdade das raças, antes reconhece na sua diferença maior ou menos valor, e assim entendendo, sente-se no dever de, conforme a eterna vontade que

³² Cf. MARTINA, Giacomo, *História da Igreja de Lutero a nossos dias. Vol. IV: A era contemporânea*, p. 120-123.

governa esse universo, promover a vitória dos melhores, dos mais fortes e exigir a subordinação dos piores, dos mais fracos³³.

Para o *Führer*, o Estado alemão tem o dever de reunir os melhores para dominar os povos mais fracos e assim garantir que a espécie humana evolua com boas condições físicas. Ele quer garantir com isso que a humanidade seja forte, saudável, a exemplo do perfeito povo ariano-alemão.

Desse modo a mistura de raças é para ele algo impensável, pois tende a provocar a decadência da espécie a partir daquele híbrido que nascerá, como se observa em animais, os quais se tornam incapazes de reproduzir se cruzarem com raças “menos desenvolvidas”.

Ao colocar nas mãos do Estado o dever de guiar a raça perfeita ao domínio das outras, Hitler proclama “como incapaz de procriar quem quer que seja doente”³⁴, ou seja, somente os perfeitos dentre os perfeitos poderão se reproduzir para que não exista nenhuma falha na evolução da espécie humana.

Esses são alguns exemplos de como Hitler concebia o Estado Nazista. O racismo para ele era então uma forma de propagar os genes da raça perfeita e fazer com que essa dominasse as outras raças e assim a Alemanha se tornasse novamente o grande império de outrora.

2.3.3. O antissemitismo.

Para Hitler os judeus eram os povos menos desenvolvidos, estão na parte de baixo da hierarquia dos povos, dominados pelos alemães. Para Hitler, o povo perfeito é aquele que consegue se anular, consegue se sacrificar, para que o Estado cresça desse

³³ HITLER, Adolf, *Mein Kampf*, p. 291.

³⁴ *Ibidem*, p. 307.

modo ele diz que “o judeu é o que apresenta o maior contraste com o ariano. Nenhum povo do mundo possui um instinto de conservação mais poderoso que o chamado ‘Povo Eleito’³⁵. Para ele o judeu formava seu próprio Estado dentro de um Estado alheio, esse povo era visto como um parasita³⁶, incapaz de fazer o Estado crescer, só viam seus próprios costumes.

Outro ponto interessante de se observar no antissemitismo de Hitler é ver que ele coloca a causa da derrocada da Alemanha nas mãos dos judeus. Numa passagem bastante clara do *Mein Kampf* sobre esse ponto, Hitler diz que:

Assim o judeu é, hoje em dia, o grande instigador do absoluto aniquilamento do Alemanha. Todos os ataques contra a Alemanha no mundo inteiro são de autoria dos judeus. Foram eles que, na paz como durante a guerra, pela sua imprensa, ataçaram, premeditadamente, o ódio contra a Alemanha, até que Estado por Estado abandonou a neutralidade e assentou praça na coligação mundial, renunciando aos verdadeiros interesses dos seus povos³⁷

Pensando nisso, Hitler coloca em prática suas práticas antissemitas. Em 1935 publica as *Leis de Nuremberg* que definham a política racial do III Reich. Essas leis tinham o intuito de caracterizar uma pessoa como alemã, judia, ou mestiça. Para isso usava da árvore genealógica da pessoa e se ele tivesse em sua família quatro ou três avós judeus, então era considerado judeu, mesmo que não professasse a religião, o que importa aqui é sua descendência, mesmo sendo católico. Para ser alemã a pessoa precisava ter quatro avós alemães em sua genealogia. Os mestiços eram aqueles que descendiam de um ou dois judeus.

Outro ponto do antissemitismo do III Reich foi o acontecimento da Noite dos Cristais, a *Kristallnacht*. Em 9 de novembro de 1938, aniversário de quinze anos da primeira tentativa de tomada de poder por parte de Hitler na Alemanha, os nazistas

³⁵ HITLER, Adolf, *Mein Kampf*, p. 218.

³⁶ Cf. *Ibidem*, p. 226.

³⁷ *Ibidem*, p. 463.

matarem, violentaram, prenderam e enviaram para os campos de concentração centenas de judeus, além de destruírem 1400 comércios que pertenciam a eles, daí vem o nome *Noite dos Cristais*, em referência aos vidros quebrados das lojas destruídas.

O assassinato de um funcionário do Reich por um jovem judeu, Herschel Grynszpan, foi usado pelos nazistas como pretexto para a Noite dos Cristais. Porém, segundo o site *United States Holocaust Memorial Museum*, “na verdade, o ministro alemão da propaganda, Joseph Goebbels, e outros líderes nazistas haviam organizado os pogroms [OBS: chacina dos judeus] cuidadosamente, muito antes deles acontecerem”³⁸. Isso mostra claramente a propaganda antissemita do governo de Hitler, pois usa o ataque de um jovem para disfarçar uma chacina premeditada contra os judeus como se fosse uma revolta do povo alemão contra essa população que teve de ficar acampada na fronteira Alemanha/Polônia, pois o governo polaco não quis admitir sua reentrada em seu território após terem sido deportados pelo governo hitlerista³⁹.

Por último nessa análise do antissemitismo assumido pelo governo de Adolf Hitler temos a chamada “Solução Final”. Essa política, iniciada em 1938, colocava como norma do governo alemão a destruição em massa dos judeus não europeus. Desse modo foram construídos campos de extermínio, dentre os quais estava o famoso campo de Auschwitz-Birkenau, nos quais foram assassinados cerca de 2.700.000 judeus por asfixia em câmaras de gás ou por fuzilamento. Cerca de 3.300.000 outros judeus europeus morreram devido à fome, maus-tratos, espancamento, frio, doenças, experiências médicas, e outras formas de crueldade inimagináveis. No total, seis milhões de judeus foram assassinados pelas mãos dos Nazistas durante a “Solução Final”⁴⁰.

³⁸ <https://www.ushmm.org/outreach/ptbr/article.php?ModuleId=10007697>. Acesso em 6 de maio de 2017.

³⁹ Cf. TORNIELLI, Andrea, *Pio XII, o Papa dos judeus*, p. 121.

⁴⁰ <https://www.ushmm.org/wlc/ptbr/article.php?ModuleId=10005151>. Acesso em 8 de maio de 2017.

Pensando nesse termo, “Solução Final”, pode-se fazer uma ligação com aquilo que foi analisado anteriormente no *Mein Kampf*. Para que a raça ariana, a raça perfeita dos alemães, triunfasse era necessário que todos os outros povos inferiores fossem subjugados por eles. Para Hitler, os judeus eram o tipo de pessoa menos desenvolvida. Desse modo a última solução para que os arianos estivessem novamente no topo da humanidade era eliminar aqueles que mais os atrapalhavam, ou seja, a eliminação do povo judeu (pois como foi dito, para Hitler, a culpa da derrocada alemã eram os judeus). Assim o governo de Hitler manda matar, torturar, deportar e prender os judeus residentes na Alemanha e nos países que eram invadidos por ele durante a Segunda Guerra, que teve seu início justamente após um desses ataques motivados pela “Solução Final”, o ataque à Varsóvia em 1939.

Diante disso tudo a Igreja teve seu papel, seja na pessoa do Papa Bento XV durante a Primeira Guerra Mundial, seja no pontificado de Pio XI no período pós-guerra, quando Hitler se erguia como ditador e também na figura de Pio XII, o papa da Segunda Guerra Mundial, que viu a “Solução Final” ser colocada em prática durante seu pontificado.

III. POSICIONAMENTOS DOS PAPAS BENTO XV, PIO XI E PIO XII EM RELAÇÃO ÀS GUERRAS E AO NAZISMO.

Durante toda a história da Igreja, que se funde com a história mundial, às vezes de maneira turbulenta, outras vezes de maneira mais conciliadora, todos os Papas tiveram e expuseram suas opiniões acerca dos assuntos de suas épocas.

Isso não foi diferente durante o início do século XX com os Papas Bento XV, Pio XI e Pio XII. Os três viveram épocas trágicas na história da humanidade tendo que enfrentar a Primeira Guerra Mundial, a ascensão do Nazismo e a tomada de poder de Adolf Hitler, a Segunda Guerra Mundial e o Holocausto dos judeus por parte do regime nazista.

3.1. Bento XV, o Papa na Primeira Guerra Mundial.

Após a morte de Pio X em 20 de Agosto de 1914, os cardeais reunidos no Vaticano elegeram no dia 3 de setembro, no décimo escrutínio a Giacomo della Chiesa como novo sucessor de Pedro com um total de 38 votos⁴¹.

⁴¹ Cf. JEDIN, Hubert - REPGEN, Konrad, *Manual de Historia de la Iglesia*, Tomo IX, *La Iglesia Mundial del siglo XX*, p. 53.

Della Chiesa nasceu em Genova a 21 de Novembro de 1854. Recebeu a ordenação presbiteral em 21 de dezembro de 1878 e continuou seus estudos na Academia dos Nobres. Após concluí-los trabalhou na Congregação para Assuntos Eclesiásticos Extraordinários, por recomendação do Cardeal Rampolla que se tornou secretário de Estado do Papa em 1887, levando consigo Della Chiesa como seu secretário.

Percebe-se nesse pequeno trecho de sua vida que o futuro Bento XV teve uma caminhada toda pautada pela vivência diplomática, o que será uma característica marcante dos próximos dois Papas. É de se notar a importância que a formação diplomática ocupa na vida da Igreja nessa época, com certeza viam a necessidade de bons homens, sejam Papas ou não, formados nessa questão para guiar a Igreja pelos tempos turbulentos pelos quais ela passaria nos anos das duas Guerras Mundiais e nos períodos breves de paz entre essas.

Ao ser eleito ao sólio petrino, Bento XV deveria enfrentar os horrores da Primeira Guerra Mundial que somente acabara de começar. Segundo Jedin “Durante os quatro anos seguintes, a guerra mundial marcou estreitos limites à ação intra eclesial do pontífice. Somente depois do cessar fogo apareceram os escritos doutrinários, sobre São Jerônimo (15 de setembro de 1920), e a proclamação de Santo Efrém como doutor da Igreja (5 de outubro de 1920)”⁴². Além disso, em seu pontificado canonizou Santa Joana D’Arc. Outro fator importante no pontificado de Della Chiesa foi a promulgação do Código de Direito Canônico, em 1917, o qual teve muito das mãos de Eugenio Pacelli em sua produção.

Hubert Jedin salienta muito bem que o “El mérito más relevante de aquel prudente pontífice y experimentado diplomático fue haber sabido dirigir la nave de la

⁴² JEDIN, Hubert - REPGEN, Konrad, *Manual de Historia de la Iglesia*, Tomo IX, *La Iglesia Mundial del siglo XX*, p. 53. [tradução nossa].

Iglesia entre los peligrosos arrecifes de la primera guerra mundial y haber conseguido preservar la neutralidad de la Sede Apostólica⁴³”.

Algo a se frisar no pontificado de Bento XV é a sua distância das ideias antimodernistas de seu predecessor, Pio X. Mesmo tratando o Papa anterior com muito carinho e respeito em seus escritos, Bento XV assumiu uma proposta totalmente diferente da dele, e sua maneira de agir pode ser vista como uma retomada do Papado de Leão XII, muito mais conciliador e próximo das questões sociais. Esse aspecto de seu pontificado mostrou que “a intransigência cega, por devota que fosse, não funcionava em tempos de guerra”⁴⁴.

Bento XV assumiu posições muito mais diplomáticas, principalmente ao findar a Guerra. Ele abriu caminho para a reconciliação com o Estado italiano, suspendeu a condenação de chefes de Estado ao Quirinal e permitiu novamente que os católicos participassem em movimentos sindicais e partidos políticos, principalmente ao abençoar o recém-criado Partido Popular. Ao final de seu pontificado a situação diplomática do Vaticano havia melhorado muito, pois 27 países mantinham embaixadores e representantes junto ao Papa⁴⁵.

Esses pontos conciliadores e suas propostas de paz aos povos beligerantes durante os tempos de Guerra podem ser bem vistos em seus discursos, cartas e alocuções.

Segundo Giacomo Martina, a conduta de Bento XV durante a Primeira Guerra segue três linhas que estão ligadas entre si: condenação do recurso às armas para

⁴³ JEDIN, Hubert - REPGEN, Konrad, *Manual de Historia de la Iglesia*, Tomo IX, *La Iglesia Mundial del siglo XX*, p. 54.

⁴⁴ DUFFY, Eamon, *Santos e pecadores*, História dos Papas, p.253.

⁴⁵ Cf. *Ibidem*, p. 254-255.

resolver as questões entre os beligerantes; prestar toda ajuda possível às vítimas da guerra; e esforço contínuo para impedir que o conflito se alastrasse por mais tempo⁴⁶.

3.1.1. Magistério de Bento XV durante a Primeira Guerra Mundial

Logo após ser eleito, Della Chiesa já faz um de seus primeiros posicionamentos em relação ao que estava acontecendo no mundo naquele momento. No dia 8 de setembro de 1914, quase dois meses após o início da Guerra, ele publica a Exortação *Ubi Primum in Beati*⁴⁷, dirigida a todos os católicos do mundo para a paz.

Nessa curta exortação o Papa condena a Guerra que se alastrava por todo o mundo, chamando-a de um imane espetáculo que mancha de sangue cristão tantas partes da Europa e conclamando, exortando e esconjurando a todos os filhos da Igreja e aos seus ministros para que continuem a rezar e a suplicar publicamente para que Deus faça justiça em relação aos pecados das nações.

Ainda dentro da *Ubi Primum*, o Papa assume para si o papel do Bom Pastor, e desse modo, com muita coragem, diz estar pronto para dar a vida pela salvação de seu povo. Com isso ele diz que seu propósito como sucessor de Pedro e a exemplo do próprio Senhor é o de “nada omitir de tudo o que estiver em nosso poder que possa apressar o fim desta calamidade⁴⁸”.

É interessante notar nessa primeira exortação o vivo desejo de Bento XV para que se siga um caminho de paz e concórdia. Para ele já bastam as ruínas produzidas, o sangue humano derramado, todo o luto que já se estende sobre a face da terra. O Papa

⁴⁶ Cf. MARTINA, Giacomo, *História da Igreja de Lutero a nossos dias. Vol. IV: A era contemporânea*, p. 133-4.

⁴⁷ Todas as referências desta exortação são retiradas de: DOCUMENTOS DE PIO X E DE BENTO XV (1903-1922)

⁴⁸ *Ubi Primum in* DOCUMENTOS DE PIO X E DE BENTO XV (1903-1922): n°2.

chama todas as nações, todos aqueles que regem a sorte dos povos a deixar de lado suas discordâncias para a salvação da sociedade humana.

É interessante notar que o Papa se dirige claramente àqueles que são responsáveis pelas vidas de outros em suas nações. Já nessas primeiras palavras ele se sente cuidador de seu rebanho e, como é de seu feitio, procura sempre uma maneira de tentar conciliar todas as partes e mostrar que a paz é a melhor saída para resolver todas as questões pendentes.

Em 1º de novembro de 1914, Bento XV publica a carta encíclica *Ad Beatissimi Apostolorum Principis*, seu programa de pontificado, como é costume os Papas fazerem logo após sua eleição.

Nessa encíclica, Bento XV critica ainda mais duramente a Guerra, chamando-a de tremendo fantasma que domina por todo o lado. Ele mostra sua dor e compaixão com o sofrimento da humanidade, ao dizer: “como poderia ter acontecido que, tornando-nos o pai de todos os homens, não sentíssemos despedaçar o coração ao espetáculo da presença da Europa e, com ela, do mundo todo nesse tétrico espetáculo, o mais enlutado da história?⁴⁹”.

Nesse seu programa de pontificado, o Papa se coloca totalmente contrário ao uso das armas. Para ele, existem outros caminhos para que os direitos dos povos sejam respeitados, deve-se recorrer à reta consciência para resolver os embates e devem-se considerar todas as lágrimas e sangue já derramado para que as nações consigam dar a seus povos os benefícios vitais da paz.

Em ponto muito importante de sua encíclica o Papa aponta quatro fatores da luta atual que está arruinando o mundo. Para ele, essa guerra sangrenta tem princípio numa guerra que espanta da pessoa o bom senso. Para o Papa os quatro fatores da guerra são:

⁴⁹ *Ad beatissimi Apostolorum Principis* in DOCUMENTOS DE PIO X E DE BENTO XV (1903-1922): nº 3.

a falta de mútuo amor entre os homens; o desprezo da autoridade; a injustiça que existe no relacionamento entre as várias classes sociais e o endeusamento dos bens materiais como se fosse o único objetivo da vida do homem. Essas quatro “causas” da guerra tem seu início desde quando se deixou de lado no ordenamento estatal as práticas cristãs e as normas da religião. A partir disso as nações perderam a garantia de estabilidade e paz e assim vacilaram em suas bases, desencadeando todo tipo de controvérsia e pensando que só se resolvem a partir de lutas.

Segundo Bento XV, em nenhuma outra época da humanidade se falou mais da fraternidade do que se falava em sua época. Porém ele salienta também que são somente palavras, pois em nenhum outro momento se desconheceu tanto a fraternidade humana. Ele diz enfaticamente contra os movimentos raciais: “mais do que de fronteiras, os povos são separados por rancores – dentro de uma mesma nação de dentro dos muros de uma cidade os cidadãos ardem de inveja entre si⁵⁰”.

Durante toda sua encíclica, Bento XV chama os povos para a paz, e clama sem cessar para que a guerra termine. Ele não quer que “caia no vazio a nossa voz de pai e amigo”. Porém os efeitos são contrários, sua voz é cada vez mais ignorada pelos chefes das nações.

Ao ler essas páginas é impossível não perceber a coragem, mesmo adotando uma postura de neutralidade, do Papa Bento XV. Mesmo sendo acusando de tomar parte do lado dos franceses ou dos alemães, ele não tomou partido na luta. O que fez foi defender com todas as suas forças seus ideais de desarmamento e de volta constante à paz, que segundo ele deveriam ser as únicas maneiras pelas quais os governos deveriam resolver seus impasses.

⁵⁰ *Ad beatissimi Apostolorum Principis in* DOCUMENTOS DE PIO X E DE BENTO XV (1903-1922): nº 11.

No discurso por ocasião do primeiro encontro com o colégio cardinalício feito na Vigília Pascal de 1914 o santo padre continua com suas críticas à guerra. Para ele esse ano foi de grave luto à toda a Igreja. Em meio a tantos votos de felicidade pelo findar do ano, Bento XV diz que nenhum voto mostra mais propriamente o caráter peculiar das festas natalinas e nem responde mais o desejo que tanto angustia todos os corações quanto o voto pela paz. Como pai de todos, o Papa acolhe esses votos e os acolhe impulsionado pelo que ele chama de “*luttuosi avvenimenti*”, o “trágico acontecimento” que reveste de luto todo o universo durante os cinco meses desde que a guerra foi iniciada.

O Papa lamenta que seu pontificado não teve início com alegres auspícios, mas sim foi recebido com o alvoroço de armas e batalhas. Porém em meio a essa tristeza Bento XV diz que não pode se esquecer de que é Vigário de Cristo e que este traz justamente a paz ao mundo. Desse modo, com corajosas palavras, ele diz às nações que:

Que brilhou na mente o propósito de abrir, em meio a estas trevas de morte bélica, pelo menos um raio, somente um raio do divino sol da paz, e às nações que lutam entre si pensamos em propor, breve e determinada, uma trégua natalícia, acariciando a confiança de que se não podemos dissipar o negro fantasma da guerra, poderemos pelo menos dar um bálsamo para as feridas que esta inflige⁵¹.

As palavras do Papa são incisivas, porém ele mesmo diz que sua iniciativa não foi coroada de feliz sucesso, mas que mesmo assim pretende prosseguir com todo esforço para apressar o término dessa incomparável desgraça, ou pelo menos aliviar as tristes consequências que ela trouxe a humanidade⁵².

⁵¹ Discurso no Encontro de Natal com os membros do Colégio Cardinalício (24 de dezembro de 1914) http://w2.vatican.va/content/benedict-xv/it/speeches/documents/hf_ben-xv_spe_19141224_accogliere.html. [tradução nossa].

⁵² Cf. *Ibidem...* “*Purtroppo la Nostra cristianna iniziativa non fu coronata di Felice successo. Ma non per questo scoraggrati, Noi intendiamo di proseguire ogni sforzo per affrettare il termine della incomparabile sciagura, o per alleviarne almeno la triste conseguenza*”. [tradução nossa].

Ao fim de seu discurso o Papa insiste uma vez mais para que se deixem de lado o recurso às armas, que para ele são fratricidas. Ele não desiste de exortar as nações para esse fim, por mais que sua voz seja ignorada.

A última manifestação de Bento XV em seu magistério a ser analisada é a carta *Dès le début*⁵³, dirigida aos chefes dos povos beligerantes de primeiro de agosto de 1917, pouco mais de um ano antes do findar da Primeira Guerra Mundial.

Em sua carta o Papa reafirma sua posição de neutralidade ao elencar, logo no início, as três propostas que seguiu em seu pontificado: perfeita imparcialidade para com todos os beligerantes; esforço contínuo para fazer o maior bem possível a todos, sem privilégios de pessoas e nem distinção de nação e religião; e por fim o contínuo trabalho de nada omitir em sua missão pacificadora para apressar o final da calamidade da guerra.

Essa talvez seja um dos pronunciamentos mais enfáticos de Bento XV. Nele, o Papa lamenta por seu apelo de paz digna e estável não ser ouvido. Porém, como ele mesmo reforçou em outros momentos, é sua missão continuar a exortar a todas para que os impasses sejam resolvidos sem guerra. E desse modo ele propõe atitudes concretas a serem seguidas pelos chefes dos povos beligerantes.

Em primeiro lugar o sumo pontífice deseja que “a força moral do direito anteceda a força material das armas.” Para que isso seja possível ele propõe que se faça um acordo para a diminuição dos armamentos. Outro ponto proposto por Bento XV é a liberdade e a abertura dos mares, o que, segundo ele, faria com que se abrissem as portas para a prosperidade e o progresso. Suas propostas continuam quando ele sugere que as dívidas da guerra sejam perdoadas reciprocamente entre as potências beligerantes.

⁵³ *Dès le Debut in* DOCUMENTOS DE PIO X E DE BENTO XV (1903-1922).

Ponto interessante e também polêmico é quando Bento XV sugere que os territórios ocupados sejam restituídos a seus donos. Aqui ele chega a dar nomes às potências, dizendo:

Portanto, da parte da Alemanha evacuação completa seja da Bélgica – com a garantia de sua plena independência política, militar e econômica diante de qualquer potência –, seja do território francês; da parte adversária equivalente restituição das colônias alemãs⁵⁴.

Além disso, cita também os empasses que existem entre Itália e Áustria, Alemanha e França e também as questões relativas aos territórios da Armênia, dos Balcãs e do Reino da Polônia.

Por fim Bento XV justifica suas propostas dizendo que estas são a base para que o futuro dos povos esteja ajustado. Para o Papa, se os chefes dos povos beligerantes seguirem suas propostas novos conflitos serão impedidos de acontecer. O Papa tem esperança de que, aceitas suas palavras, se alcance logo o fim deste massacre inútil, que já há três anos devasta todo o mundo.

Porém, como nas outras vezes, sua voz foi silenciada e ignorada. Giacomo Martina diz que:

Os outros Estados consideraram as propostas pontifícias favoráveis à causa alemã e não as levaram em consideração. Contribuíram também para esse fracasso a divulgação pela imprensa de um documento reservado somente aos governos – desacautelada, embora inevitável –, o otimismo das duas partes a respeito da solidez das próprias posições militares, dada a derrota russa e a intervenção americana, e a excitação da opinião pública, insensível aos sacrifícios de tantas vidas humanas.⁵⁵

Ao analisar o magistério de Bento XV percebe-se a grande ansiedade do pontífice para que a guerra tenha um fim. Ao assumir uma postura neutra, as vezes

⁵⁴ *Dès le Debut in* DOCUMENTOS DE PIO X E DE BENTO XV (1903-1922): n° 8.

⁵⁵ MARTINA, Giacomo, *História da Igreja de Lutero a nossos dias. Vol. IV: A era contemporânea*, p. 138.

criticada por muitos, o Papa levanta sua voz contra a guerra, impondo-lhe adjetivos fortes que mostram o quanto ela era terrível para a humanidade. Mesmo tendo sua voz ignorada o Papa não se esquivava de sua missão moral de exortar e conclamar os povos para a paz.

Bento XV morre em janeiro de 1922, quatro anos após o fim da Primeira Guerra Mundial. O mundo agora precisava de um Papa que soubesse tratar da questão dos regimes totalitários que estavam nascendo nesse período de entre guerras e que soubesse lidar em especial com o regime Nazista que estava se erguendo e levando Hitler a tomar o poder na Alemanha e a iniciar suas invasões em busca da supremacia do povo alemão.

3.2. Pio XI, o Papa no entre guerras.

Após a morte de Bento XV, o conclave para eleger o próximo Papa se reúne e escolhe no dia 6 de fevereiro de 1922 o cardeal Achille Ratti, que toma o nome de Pio XI, nascido no dia 31 de maio de 1857.

Achille Ratti era de uma família industrial de classe média da Lombardia. Estudou direito canônico na Universidade Gregoriana e foi ordenado presbítero a 20 de dezembro de 1879. Foi durante muitos anos, bibliotecário, primeiramente na Ambrosiana e depois no Vaticano.

Inesperadamente em 1918 o Papa Bento XV o retirou da biblioteca e o lançou à vida diplomática ao nomeá-lo núncio apostólico na Polônia. Seu trabalho nesse país foi frutuoso, mesmo frente às várias dificuldades da época. Conseguiu restabelecer cinco bispados que haviam caído frente à opressão russa e fez com que as primeiras conferências episcopais tivessem início. Além disso, deu mostras de grande coragem ao não se afastar de sua nunciatura quando os bolcheviques invadiram Varsóvia.

Após esses fatos foi nomeado como Arcebispo de Milão ao mesmo tempo em que era elevado a cardeal, em 13 de junho de 1921. Porém esse tempo como Arcebispo foi curto: cinco meses após sua posse na diocese ocorreu o conclave que o elegeria como Papa. Achille Ratti foi eleito num conclave no qual estavam presentes 53 cardeais, obtendo 42 votos no décimo quarto escrutínio.

A eleição de Achille Ratti teve pontos interessantes. Foi uma grande disputa entre os conservadores que apoiavam o antimodernista e intransigente cardeal La Fontaine e aqueles que apoiavam o cardeal Gasparri, superior imediato de Ratti durante sua nunciatura na Polônia. Gasparri, ao perceber que não seria eleito, apoiou fortemente Achille Ratti, assegurando assim que as diretrizes de Bento XV não se perdessem e mesmo escolhendo o nome de Pio XI, o novo Papa não tinha a menor intenção de voltar aos moldes de Pio X⁵⁶.

Uma atitude que mostraria essa distancia com a política antimodernista de Pio X e sua continuidade com Bento XV foi a de resolver dar a bênção *Urbi et Orbi* voltado diretamente para a cidade de Roma, das janelas da Basílica de São Pedro. Esse é um fato importante e digno de nota, pois havia cinquenta e dois anos que um Papa não dava sua bênção voltado para a cidade: desde a prisão de Pio IX essa bênção era dada de costas.

Durante seu pontificado, Pio XI tratou de muitas questões políticas. Isso se afirma pela quantidade de concordatas que assinou e por sua encíclica social mais famosa: *Quadragesimo Anno*, escrita em comemoração aos quarenta anos da publicação da *Rerum Novarum* com Leão XII. É de notável importância a assinatura do Tratado de Latrão com o governo de Mussolini em 1929, colocando fim à “Questão Romana” e também a concordata com o Reich hitlerista em 1933.

⁵⁶ Cf. DUFFY, Eamon, *Santos e pecadores, História dos Papas*, p. 255.

Pode-se dizer que o pontificado de Pio XI foi uma extensão daquele de Bento XV. Ao passo que seu predecessor conclamava com coragem os povos em guerra a voltarem para o caminho da paz, o atual Papa condenou fortemente as doutrinas fascistas em sua encíclica *Non abbiamo bisogno* (*Nós não precisamos*) publicada em 29 de julho de 1931. Também, com grande coragem, escreve a encíclica *Mit Brennender Sorge*, que será analisada no próximo ponto do trabalho.

3.2.1. *Mit Brennender Sorge*, a encíclica em alemão.

Pio XI, por intermédio de Eugenio Pacelli, então núncio apostólico na Alemanha, assina em 1933 a concordata com o Reich e assim assegurava, perante o governo alemão, liberdade de culto e ensino para a Igreja naquele lugar. Porém Hitler não obedeceu aos termos ali propostos e passou a perseguir a Igreja.

Diante disso os bispos alemães em agosto de 1936 pediram que o Papa interviesse e se declarasse solenemente contra o nazismo⁵⁷. Assim, no dia 14 de Março de 1937, um Domingo de Ramos, Pio XI assina e manda ler em todas a Igrejas da Alemanha sua encíclica *Mit Brennender Sorge* (*Com viva ansiedade*), sobre a situação da Igreja Católica no Reich Alemão, endereçada aos veneráveis irmãos, arcebispos, bispos e outros ordinários da Alemanha em paz e comunhão com a Sé Apostólica.

Nessa encíclica, talvez a mais contundente contra os abusos do nazismo, o Papa mostra que foi fiel àquilo que foi firmado no texto da concordata e critica e denuncia a posição do Reich e suas violações da mesma, ao dizer:

Todos os que não perderam a noção da verdade nem o sentimento de justiça concordarão que durante esses anos difíceis que se seguiram à conclusão da concordata, cada uma de nossas e cada um de nossos

⁵⁷ Cf. TORNIELLI, Andrea, *Pio XII, o Papa dos judeus*, p. 97.

actos teve por norma a fidelidade aos tratos estipulados. E poderão também verificar, não sem espanto e reprovação, como, por outro lado, a falsa interpretação do contrato, ou desviando-o de seu fim, ou esbulhando-o do seu conteúdo, e acabando, enfim, por o violar mais ou menos oficialmente, foi a lei sob a qual agiu a outra parte contratante⁵⁸.

Outro ponto de clara denúncia ao nazismo e suas doutrinas raciais e de culto ao Estado e ao seu *Fürher* aparecem no ponto nove da encíclica. Nesse ponto o Papa diz que aquele que pega os valores de raça ou povo, ou o valor do Estado e seu governante e os desloca de seu devido e merecido lugar para diviniza-los e colocar num pedestal, perverte a ordem divina das coisas e presta um culto idolátrico a esses.

Além disso, Pio XI, no décimo quinto ponto de sua encíclica aponta claramente Hitler ao dizer:

Só espíritos superficiais podem cair no erro de falar de um Deus nacional ou religião nacional e empreender a louca tarefa de incluir nos limites dum só povo, ou na estreiteza étnica duma só raça, a Deus, Criador do mundo, rei e legislador de todos os povos, diante do qual ‘as nações são como gota de água num balde’ (Is 40,15)⁵⁹.

Também uma clara referencia a Hitler e à sua divinização pode ser encontrada no ponto vinte, ao dizer: “Se alguém, por sacrílega ignorância da essencial diferença entre Deus e a criatura, entre o Homem-Deus e os filhos dos homens, ousasse elevar um mortal, fosse ele o maior de todos os tempos, à altura de Cristo, ou ainda acima dele, ou contra Ele, saiba que é profeta de fantasias...⁶⁰”.

Esses três pontos são, talvez, os mais enfáticos de toda a encíclica em relação a Hitler e as doutrinas raciais nazistas expostas, e colocadas em prática, em seu *Mein Kampf*. Pode existir a crítica ao Papa de que ele não cita diretamente o nome de Hitler nessas passagens, porém aqueles que bem entendem a intenção de Pio XI, com certeza

⁵⁸ *Mit Brennender Sorge, apud* COELHO, Senra, *Pio XII e os Judeus*, p. 77.

⁵⁹ *Ibidem*, p. 80.

⁶⁰ *Ibidem*, p. 83.

sabem a quem ele está se referindo, principalmente porque essa encíclica foi lida em toda Alemanha quatro anos após a assinatura da concordata e após várias exposições claras das doutrinas nazistas por parte de seus adeptos. Então é de se concluir que todos conheciam o nazismo e sabiam sobre o que o Papa estava falando.

A encíclica com certeza não foi bem recebida pelos nazistas. Vários jornais e a própria SS se manifestaram contra ela, segundo Andrea Tornielli em *Pio XII , o Papa dos Judeus*. Para o partido nazista a encíclica era antes de tudo um grito de guerra contra o Reich, pois fazia os cristãos se rebelarem contra suas doutrinas. A encíclica foi considerada também como um insulto à Nova Alemanha, que suscitou profunda indignação no governo alemão. As palavras de Hitler contra a encíclica são contundentes:

Não podemos suportar que esta autoridade, que é autoridade do povo alemão, seja atacada por quem quer que seja. Isto vale para todas as Igrejas. Enquanto elas se ocupam dos seus problemas religiosos, o Estado não se preocupa com elas. Mas quando elas tentam, através de medidas de todo gênero, com escritos, encíclicas, etc., atribuir a si mesmos direitos que competem unicamente ao Estado, nós reprimi-las-emos para os limites da atividade espiritual de cura de almas que lhes compete⁶¹.

A publicação dessa encíclica mostra claramente a coragem do pontífice frente aos abusos nazistas. E o ato de nomear o futuro Pio XII para ser núncio na Alemanha mostra a confiança que Pio XI tem em seu sucessor. Achille Ratti morre no Vaticano no dia 10 de fevereiro de 1939. A eleição de um novo Papa deveria acontecer dentro de poucos dias.

⁶¹ Cf. TORNIELLI, Andrea, *Pio XII, o Papa dos judeus*, p. 105-107.

3.3. Pio XII, o Papa na Segunda Guerra Mundial.

Após seu trabalho como núncio, Eugenio Pacelli foi feito cardeal da Igreja e também escolhido como sucessor do Cardeal Gasparri como secretário de Estado do Papa Bento XV.

Nesse cargo Pacelli auxiliou o Papa na escrita e na propagação da *Mit Brennender Sorge*: o texto inicial da encíclica foi escrito pelo cardeal de Munique, Michael Faulhaber e depois revisado pelo cardeal Pacelli. Andrea Tornielli conta esse fato em *Pio XII, o Papa dos Judeus*:

O cardeal Michael von Falhauber escreve o primeiro esboço da encíclica a grande velocidade e entrega-a pessoalmente ao Cardeal Pacelli na manhã de 21 de janeiro. O futuro Pio XII modifica o texto de Falhauber, carregando ainda mais as tintas, e acrescenta-lhe novas partes relativas às violações da concordata⁶².

Ao iniciar o conclave para a eleição do sucessor de Bento XV, Pacelli já era visto como um dos “favoritos”, tanto por sua inteligência, quanto por sua proximidade com o falecido Papa e também por seus dons diplomáticos. Duffy diz que Pacelli parecia ter nascido para ser Papa por seu modo austero, por ser extremamente devoto, além disso, encaixava-se perfeitamente na ideia de que se tinha de um santo⁶³.

Por suas qualidades, no dia 3 de março de 1939, Eugenio Pacelli foi eleito o 260º Papa da Igreja Católica com quarenta e oito votos, no terceiro escrutínio de um conclave com sessenta e três cardeais e que não durara vinte e quatro horas.

Em seu pontificado teve que se defrontar com a segunda guerra mundial que iniciaria seis meses após sua eleição, mas que já dava sinais bem antes disso. Em

⁶² TORNIELLI, Andrea, *Pio XII, o Papa dos judeus*, p. 98

⁶³ DUFFY, Eamon, *Santos e pecadores*, História dos Papas, p. 263.

consequência disso, Pio XII precisou combater frente a frente com o nazismo, com seu fundador e com todos os problemas que viriam a partir disso.

3.3.1. Magistério de Pio XII durante a segunda Guerra Mundial.

Pio XII escreveu muito e acerca de muitos assuntos, porém os escritos mais estudados são aqueles os quais dirige ao mundo durante a segunda guerra mundial. E são justamente através desses escritos e mensagens de rádio que acusam o Papa de não falar abertamente sobre o nazismo e nem condená-lo explicitamente. Entre suas mensagens, tanto escritas, quanto em forma de radio mensagens, algumas merecem atenção maior.

Em sua primeira e curta radiomensagen, no dia mesmo de sua eleição, Pio XII dirige um apelo de paz ao todo mundo católico. Pede, lembrando seu predecessor, que todos se lembrem de que a paz é fruto da caridade e da justiça, sendo assim um dom sublime de Deus. Ainda dirige um pedido especialmente às nações em guerra para que vivam a paz através da assistência fraterna umas as outras. Por fim, pede a cooperação de todos para que as pessoas de diversos povos alcancem a felicidade.

Nesse último ponto da radiomensagen pode-se pensar que o Papa já está citando, não de maneira explicita, a questão do antissemitismo, ao dizer do respeito e da felicidade dos povos diversos.

Na radiomensagen *Um'ora grave*⁶⁴, dirigida em 24 de agosto de 1939, aos governantes e aos povos no iminente perigo da guerra, Pio XII fala mais abertamente acerca dos assuntos da Guerra, seguindo o estilo dos Papas anteriores ao chamar os governos a deixar as contendas de lado. Pio XII diz:

⁶⁴ https://w2.vatican.va/content/pius-xii/pt/speeches/1939/documents/hf_p-xii_spe_19390824_ora-grave.html. Acesso em 12 de Maio de 2017.

Dirigimos com ânimo paterno um novo e mais fervoroso apelo aos Governantes e aos povos: aos primeiros para que, depostas as acusações, as ameaças, as causas da recíproca desconfiança, tentem resolver as actuais divergências com o único meio adequado, isto é, com comuns e leais acordos; aos povos: para que, na calma e na serenidade, sem agitações desordenadas, encorajem as tentativas pacíficas de quem os governa.

Além disso, o Papa mostra que não é pelas armas que os assuntos pendentes serão resolvidos, mas sim pela força da razão, só assim a Justiça acontecerá. Para ele, uma política que se afasta da moral é traiçoeira e derruba aqueles que desejam que assim seja.

Nessa mensagem, o Papa lança um de seus mais conhecidos apelos ao mundo: nada se perde com a paz. Tudo pode ser perdido com a guerra. Para Pio XII não há outro caminho a não ser esse. A guerra estava para estourar, mas o Papa ainda via esperanças de uma volta à paz e a concórdia entre as nações, e essa concórdia só poderia ser alcançada se as nações ouvissem seu desejo: “Escutem-nos os fortes, para que não se tornem débeis na injustiça. Escutem-nos os poderosos, se quiserem que o próprio poder não seja destruição, mas apoio para os povos e tutele a tranquilidade na ordem e no trabalho”.

Talvez o escrito de seu magistério mais importante acerca das questões da guerra e do antissemitismo seja a Encíclica *Summi Pontificatus*⁶⁵, seu programa de pontificado, publicada em 20 de outubro de 1939.

Nessa encíclica o Papa traz os deveres do vigário de Cristo em meio às realidades turbulentas que assolam a humanidade, pois a Guerra já havia começado. O Papa mostra toda sua dor e angustia frente aos recentes acontecimentos, chama a guerra

⁶⁵ https://w2.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_20101939_summi-pontificatus.html. Acesso em 12 de Maio de 2017.

de terrível tufão que se desencadeara mesmo frente a todos seus esforços para que isso não acontecesse.

No número vinte de seu escrito, Pio XII diz que a raiz desses males que estão ocorrendo é a negação de uma norma de moralidade universal na vida pessoal, social e nas relações internacionais. Para o Papa, se se renega a Deus, abala-se toda a base da moralidade.

O Papa também aqueles que subvertem a doutrina cristã e se afastam dela, colocando suas próprias doutrinas no lugar. E diz do erro de se deixar enganar por miragens de frases brilhantes, que ao invés de libertar, escravizaram ainda mais.

Ao discursar sobre tais doutrinas, pode-se entender que o Papa esteja falando sobre o nazismo e o fascismo, as doutrinas que na época estavam desviando os povos das intenções de paz e matando em nome de um Estado autoritário.

E justamente acerca do Estado autoritário, Pio XII faz duras críticas, e mesmo assim fala-se que não falou explicitamente contra essas realidades. Não seria necessário citar nomes ao dizer:

Renegada assim a autoridade de Deus e o império da sua lei, o poder civil, por consequência inevitável, tende a atribuir a si aquela absoluta autonomia que compete ao Autor Supremo; a substituir-se ao Onipotente; elevando o Estado ou a coletividade a fim último da vida; o critério sumo da ordem moral e jurídica, e interdizendo dessa maneira todo o apelo aos princípios da razão natural e da consciência cristã⁶⁶.

O Papa também diz que esse tipo de Estado, fundado exclusivamente sobre alicerces humano e sobre autoridades exteriores, é insuficiente e frágil. O Papa aqui se refere, com certeza, aos Estados totalitários que ganharam força em sua época. Dentre

⁶⁶ https://w2.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_20101939_summi-pontificatus.html. Acesso em 12 de Maio de 2017.

esses se encontra o Reich Alemão comandado por Hitler, que pregava o fanatismo e adesão total a ele e ao Estado, como normas últimas da vida das pessoas.

Em outro ponto o Papa condena o Estado como fim ao qual tudo deve ser subordinado e dirigido. Condena o Estado que se considera mandatário de uma nação, povo ou classe. Aqui, Pio XII, ao citar “povos e classes” critica o antissemitismo pregado pelo Estado Alemão em suas doutrinas.

Outro ponto precioso nessa condenação ao antissemitismo e ao racismo nazista é quando o Papa diz:

A concepção que atribui ao Estado uma autoridade ilimitada, veneráveis irmãos, não é somente um erro pernicioso à vida interna das nações, à sua prosperidade e ao maior incremento do seu bem-estar, mas prejudica também as relações entre os povos, rompendo a unidade da sociedade supranacional, tirando a base e o valor ao direito das gentes, abrindo caminho à violação dos direitos alheios e tornando difícil o acordo para a convivência pacífica⁶⁷.

É claro para Pio XII que um Estado que se acha no direito de julgar outras nações e outros povos tendo ele próprio como modelo é fadado ao erro e faz com que a boa convivência internacional seja posta em cheque. Para o Papa, nenhum Estado deve se enxergar como mandatário de outro.

Nesse ponto e no fim de sua encíclica o Papa cita a invasão da Polônia pelos alemães, e diz que é um triste fato que toca profundamente seu coração de Pastor ao ouvir o grito e ver o sangue de inúmeros inocentes mortos nessa ocasião.

Pio XII diz que tentou de tudo para afastar o conflito e sabia que uma acusação formal de sua parte seria prejudicial para as nações que estavam sofrendo as repressões e invasões. O Papa diz:

Convencidos de que o uso da força por uma das partes obrigaria a outra a recorrer às armas, julgamos dever imprescindível do nosso ministério apostólico e do amor cristão, fazer tudo o que pudéssemos para poupar à humanidade toda e à cristandade os horrores de uma

⁶⁷ https://w2.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_20101939_summi-pontificatus.html. Acesso em 12 de Maio de 2017.

guerra mundial, ainda que as nossas intenções e as nossas vistas corressem risco de serem mal interpretadas. Os nossos conselhos, se bem ouvidos com respeito, nem por isso foram seguidos⁶⁸.

Por mais que o Papa se pronunciasse com cautela, pois sabia que palavras diretas poderiam ocasionar perigos maiores, ele sabia também que suas manifestações seriam mal interpretadas ao longo da história.

Suas declarações surtiram efeito. Tanto que ,segundo Tornielli, sua encíclica foi deturpada, trocando o termo “Polônia” por “Alemanha” e os padres que tentaram ler a versão original em seus púlpitos foram presos⁶⁹.

Uma última manifestação de seu magistério que será aqui analisada é aquela de 24 de dezembro de 1941, intitulada *Nell'alba e nella luce*⁷⁰. Além de expressar sua dor pelo flagelo da guerra que dilacera a humanidade, o Papa também lembra as causas dos desastres atuais, que segundo ele são a descristianização do indivíduo e da sociedade.

Porém um dos pontos mais importantes dessa mensagem é o momento em que fala do respeito às minorias étnicas como base para uma verdadeira ordem nova na história da humanidade. O Papa diz que:

“No campo de uma nova ordem fundada sobre princípios morais, não há lugar para a opressão manifesta ou súbdola das peculiaridades culturais ou linguísticas das minorias nacionais, para o impedimento ou contração das suas possibilidades econômicas, para a limitação ou abolição da sua natural fecundidade. Quanto mais conscienciosamente a competente autoridade do Estado respeitar aos direitos das minorias, tanto mais segura e eficazmente lhes pode exigir o leal cumprimento dos deveres civis, como aos outros cidadãos”.

⁶⁸https://w2.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_20101939_summi-pontificatus.html. Acesso em 12 de Maio de 2017.

⁶⁹ Cf. Andrea Tornielli, *Pio XII, o Papa dos judeus*, p. 153.

⁷⁰https://w2.vatican.va/content/piusxii/pt/speeches/1941/documents/hf_pxii_spe_19411224_radiomessage-peace.html. Acesso em 12 de Maio de 2017.

Nesse ponto o Papa critica claramente os métodos nazistas de limitação da fecundidade do povo judeu que está sendo praticado em campos de concentração e em invasões pelo Reich Alemão.

Pio XII morre em nove de outubro de 1958, uma década após o fim da Segunda Guerra Mundial. Após sua morte várias controvérsias surgiram em torno de sua figura como pontífice durante essa época terrível da história. O próximo capítulo desenvolverá uma análise acerca dessas várias linhas que defendem ou acusam o “silêncio” de Pio XII.

IV. ACUSAÇÕES E DEFESAS ACERCA DOS POSICIONAMENTOS DE PIO XII NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL.

O pontificado de Pio XII durante a Segunda Guerra Mundial é imerso em polêmicas e alvo, tanto de ataques e acusações, quanto de defesas em relação a sua posição frente a deportação e o holocausto dos judeus, também frente às práticas nazistas e os horrores da Guerra.

Após sua morte, em 1958, sua figura foi exaltada e louvada como um defensor dos judeus. Porém essa história conheceu uma reviravolta em 1963 quando da publicação da peça teatral *O Vigário* de Rolf Hochhuth e também com a posterior publicação da obra *O Papa de Hitler* por John Cornwell. Duas obras que tratam Pio XII como omissor e amigo do nazismo, bem como simpatizante de Hitler e um antissemitista convicto.

Esse capítulo trata dessas divergências de opiniões e manifestações entre os que acusam o Papa de um silêncio que condenou milhares de pessoas à morte e aqueles que o defendem mostrando que seu silêncio, tanto na fala quanto na escrita, foi necessário para a boa atuação da Igreja para auxiliar aqueles que estavam ao seu alcance.

Não será feito um juízo de valor acerca das posições tomadas pelos escritores. Será uma descrição e análise dos diversos pontos de vista que pode existir ao redor de um fato histórico tão importante quanto esse.

4.1. Acusações contra Pio XII

Dentro das diversas linhas historiográficas que acusam o Papa Pio XII de um silêncio condenatório existem duas obras de extrema importância. A primeira a ser analisada é *O Vigário (Der Stellvertreter* – em alemão) do escritor Rolf Hochhuth.

Essa obra trata-se de uma peça teatral que retrata a história do Padre Riccardo e de Gerstein durante a Segunda Guerra Mundial que ao presenciar o genocídio dos judeus aborda o Núncio e insiste que o Vaticano esteja a par do que está acontecendo e que tome uma providência frente a essa tragédia.

Uma das maiores denúncias suscitadas pela peça é aquela que sai da boca do Padre Riccardo: “Um vigário de Cristo que assiste a tamanhos horrores e se mantém em silêncio por razões de Estado [...] que adia por uma hora o erguer a voz do seu sofrimento uma maldição que faça tremer o último homem da terra... tal Papa é... um criminoso”⁷¹.

Em outro ponto da peça o autor enfatiza mais ainda a omissão e a falta de solidariedade de Pio XII no trato com os judeus deportados e mortos. O autor acentua que o Papa rejeita fazer um protesto aberto, alegando que se fizesse isso acabaria por trazer mais males ainda maiores àqueles que já sofriam muito. Porém ao final do ato o autor mostra que o Papa decide fazer um protesto, porém muito tímido e covarde. Com essa afirmação, Hochhuth incrimina o Papa de omissão de socorro a todos aqueles que

⁷¹ HOCHHUTH, Rolf, *O Vigário apud Souza, Luiz Tarcisio, Um estudo sobre as principais acusações e defesas sobre antissemitismo e omissão de Pio XII nos episódios da Shoah*, p.58.

foram deportados e levados a caminho das câmaras de gás, as quais, segundo a peça, foram abandonadas até pelo Vigário de Cristo.⁷²

Chegando ao final da peça, o autor faz um juízo de valor conclusivo sobre a figura do Papa e sua omissão nos casos recentes. O autor diz:

Se, nesta peça, o seu silêncio parece fruto de uma renúncia calculada, que lhe impusessem dolorosamente, a verdade histórica é, infelizmente, muito menos bela. Não deve ter perturbado tão profundamente o Papa a longa perseguição dos inermes habitantes da Europa. Bastam os seus discursos – dos quais brindou ao mundo vinte e dois volumes – para ver as trivialidades que o preocupavam na época⁷³.

Com isso o autor quer mostrar que Pio XII não se preocupava com a sorte dos judeus deportados e mortos nas câmaras de gás, mas muito mais em demonstrar sua inteligência ao mundo através de seus discursos. Aqui o Papa é acusado de trivial, além de omissos e covarde. Hochhuth coloca a figura de Pio XII como um intelectualista e alguém que só vê e dá importância àquilo que ele mesmo acha que tem importância.

A obra de Hochhuth ajudou a acender os debates acerca da figura de Pio XII e de suas ações, ou falta delas. *O Vigário* foi publicada em 1963, uma década após o término da Segunda Guerra Mundial, cinco anos após a morte do Papa.

A publicação desta peça instigou o início das disputas entre historiadores bem como entre jornalistas e intelectuais de toda classe e religião. A polêmica instaurada pela peça foi tão forte que o Papa na época, Paulo VI, em 1964 autorizou a publicação dos documentos da Santa Sé relativos à Guerra. Isso é importante de ser notado, pois a Santa Sé somente abre seus *Arquivos Secretos* setenta e cinco anos após a morte do Papa em questão.

⁷² SOUZA, Luiz Tarcisio, *Um estudo sobre as principais acusações e defesas sobre antissemitismo e omissão de Pio XII nos episódios da Shoah*, p. 59.

⁷³ HOCHHUTH, Rolf, *O Vigário* apud Souza, Luiz Tarcisio, *Um estudo sobre as principais acusações e defesas sobre antissemitismo e omissão de Pio XII nos episódios da Shoah*, p.61.

Além de *O Vigário*, temos outra obra que merece destaque e grande relevância dentro das disputas e polêmicas entre acusadores e defensores de Pio XII. Essa obra é *O Papa de Hitler, a história secreta de Pio XII*, escrita por John Cornwell em 1999.

Cornwell é um autor católico inglês nascido em Londres no ano de 1940. Foi seminarista até concluir o curso de filosofia e após desistir de ser ordenado padre ingressou na Universidade de Oxford para cursar literatura inglesa. Luiz Tarcisio Souza em sua tese de mestrado⁷⁴ aponta que ao cursar a pós-graduação em Cambridge, Cornwell abandona o catolicismo por várias questões internas, por se sentir mais culpado de seus pecados cada vez que participava da missa. Publicou vários livros sobre a Igreja e o Papado, porém o livro que lhe deu maior projeção foi este que será analisado nesse ponto do trabalho.

Cornwell inicia seu trabalho discursando sobre suas intenções ao escrever a obra. Ele diz estar a par das acusações que giravam em torno de Pio XII e suas atuações na Guerra e também acerca da obra *O Vigário*⁷⁵. Desse modo decide escrever um livro que, em sua visão, satisfaria os leitores acerca dessas polêmicas. Cornwell diz que: “estava convencido de que se toda a história fosse contada, o pontificado de Pio XII seria inocentado”⁷⁶.

Com isso em mente, Cornwell solicita os arquivos do Vaticano, e, como ele próprio diz no prefácio de sua obra:

Em meados de 1997, quase ao final de minha pesquisa, descobri-me num estado que só pode ser descrito como choque moral. O material que eu recolhera, assumindo a mais ampla visão da vida de Pacelli, não servia para inocentá-lo; em vez disso, consolidava as acusações. Minha pesquisa,

⁷⁴ Cf. SOUZA, Luiz Tarcisio, *Um estudo sobre as principais acusações e defesas sobre antissemitismo e omissão de Pio XII nos episódios da Shoah*, p. 65-68.

⁷⁵ Cf. CORNWELL, John, *O Papa de Hitler, a história secreta de Pio XII*, p. 9. (Em seu livro ele usa *O Representante*, mas para manter o padrão do presente trabalho, utilizo-me do título que já estava sendo usado posteriormente).

⁷⁶ *Ibidem*, p. 10.

abrangendo a carreira de Pacelli desde o início do século, contava a história de manobras sem precedentes para a conquista do poder Papal, que levaram a Igreja católica, em 1933, a uma cumplicidade com as forças mais sinistras de nossa era. Além disso, descobri evidências de que Pacelli, num estágio inicial de sua carreira, deixou transparecer uma inegável antipatia contra os judeus; e de que sua diplomacia na Alemanha na década de 1930 resultara na traição das associações políticas que poderiam ter desafiado o regime de Hitler e impedido a Solução Final⁷⁷.

Com essa afirmação Cornwell demonstra sua imensa frustração e choque moral ao perceber que seus estudos mais incriminavam do que inocentavam o Papa Pio XII. Nessa passagem o autor já deixa claro aquilo que pensa do Papa: uma figura omissa e complacente com o regime nazista e que guardava dentro de si uma clara postura antissemitista. Cornwell, logo depois em sua obra, diz que a vida de Pacelli não é um retrato do mal, mas sim um retrato de uma dissociação moral, uma ruptura entre autoridade e o amor cristão que um Papa deveria mostrar em suas ações. O autor salienta que essa ruptura teve como consequência o conluio com a tirania e com a violência de sua época⁷⁸. Ou seja, o Papa seria culpado e um tipo de responsável pelos males e desgraças que o mundo sofria pelas mãos dos nazistas.

Ao construir seu juízo acerca de Pacelli, Cornwell analisa a relação da Igreja com o Estado Alemão nas décadas de 1920-1930, época em que firmaram a Concordata de 1933. Sob o Papado de Bento XV, Pacelli como núncio apostólico no Reich assinou o tratado que segundo o autor, encontrava uma resistência frequente dentre os líderes católicos e também protestantes⁷⁹. As decisões de Pacelli estavam imbuídas de um grande autoritarismo de sua parte.

Segundo Cornwell, Pacelli estaria desafiando a autoridade dos bispos alemães e passando por cima de seus conselhos, ignorando a realidade do povo alemão para que

⁷⁷ Cf. CORNWELL, John, *O Papa de Hitler, a história secreta de Pio XII*, p. 10.

⁷⁸ *Ibidem*, p. 11.

⁷⁹ *Ibidem*, p. 18.

suas próprias ideias e ambições pudessem ser cumpridas. Desse modo, Hitler conquistava um grande aliado na pessoa do núncio Pacelli. Sobre isso Cornwell escreve:

Ele seguiu adiante, ignorando os conselhos de outros bispos, ignorando as realidades sociais e políticas alemãs, tão obcecado em vencer na questão das escolas que menosprezou outras sérias implicações: uma mistura característica de persistência e imprudência que o tornaria o parceiro de negociações mais apropriado do ponto de vista de Hitler dez anos depois.

Ainda sobre a Concordata de 1933, Cornwell salienta e acusa a Igreja de ser submissa ao Reich. Ao falar sobre isso, o autor mostra que a Igreja poderia muito bem ter se tornado uma grande opositora do regime nazista, porém ela preferiu se confinar nas sacristias a se pronunciar⁸⁰. A assinatura da Concordata seria como um tratado de obediência aos nazistas. A Igreja estava desse modo calando a si mesma e se retraindo, tirando seu próprio poder.

Um último ponto da nunciatura de Pacelli que será analisado através da obra de Cornwell é a composição da encíclica *Mit Brennender Sorge*. O autor de *O Papa de Hitler* elogia e dá crédito a Pacelli pela redação do documento final da encíclica e pela complexa logística em sua publicação e divulgação na Alemanha, porém critica-o afirmando que esta “chegou tarde demais e deixou de condenar expressamente os nacional-socialistas e Hitler⁸¹”. Desse modo, Cornwell condena a encíclica de não ser diretamente acusadora das doutrinas raciais que o nazismo pregava, mesmo que nela contenham palavras, que direcionadas aos alemães, seriam bem entendidas.

Ao se tornar Papa, Pio XII exorta as nações para a volta à paz. Porém Cornwell condena seu silêncio sobre a invasão da Polônia e também pelo atraso da encíclica *Summi Pontificatus*. É nesse ponto da obra que o autor tece as críticas mais duras ao pontificado de Pio XII e suas ações, ou falta delas.

⁸⁰ *Ibidem*, p. 183.

⁸¹ *Ibidem*, p. 201.

No Natal de 1942, Pio XII traz sua famosa radiomensagem *Con sempre nuova freschezza*⁸² na qual expõe as normas fundamentais para o bom convívio entre os povos. No ponto que discursa acerca da Segunda Guerra Mundial, o Papa fala abertamente sobre as “centenas de milhares de pessoas que sem culpa nenhuma da sua parte, às vezes só por motivos de nacionalidade ou raça, se vêem destinadas à morte ou a um extermínio progressivo”⁸³.

Mesmo se manifestando abertamente contra o extermínio em massa dos judeus, Cornwell critica o Papa. Para o autor, essa declaração era o ponto máximo ao qual Pio XII chegaria. O autor, com duras palavras, diz que:

Não era apenas uma declaração insignificante. O abismo entra enormidade do extermínio do povo judeu e essa forma de palavras evasivas é chocante... É evidente que a linguagem ambígua tinha a intenção de apaziguar aqueles que o pressionavam para protestar, ao mesmo tempo em que evitava qualquer ofensa ao regime nazista⁸⁴.

Ou seja, para Cornwell, o Papa Pio XII é realmente um Papa dos silêncios, seus discursos não passavam de maneiras de agradar aqueles que buscavam uma condenação expressa do nazismo, mas também eram um modo de não desagradar o *Fürher* e o Reich. Pio XII é tratado como alguém evasivo e a figura mais propícia para os desejos de Hitler. Cornwell escreve: “O próprio Hitler não poderia desejar uma reação mais enrolada e inócua do vigário de Cristo ao maior crime na história humana”⁸⁵.

Ao julgar Pio XII como um Papa evasivo e omissivo, Cornwell tece o que seja talvez o seu comentário mais forte e incriminador sobre a figura do Papa. Para o autor:

A omissão em dizer uma palavra franca sobre a Solução Final em execução proclamava para o mundo que o vigário de Cristo não pode

⁸²https://w2.vatican.va/content/pius-xii/pt/speeches/1942/documents/hf_p-xii_spe_19421224_radiomessage-christmas.html#fn*. Acesso em 15 de Junho de 2017.

⁸³ PIO XII, *Con sempre nuova freschezza*, nº 55.

⁸⁴ CORNWELL, John, *O Papa de Hitler, a história secreta de Pio XII*, p. 328-329.

⁸⁵ *Idem*.

ser levado à compaixão e à raiva. Desse ponto de vista ele era o Papa ideal para o plano abominável de Hitler. Era um peão de Hitler. Era o Papa de Hitler ⁸⁶.

Cornwell coloca Pio XII como o Papa de Hitler. Segundo o autor, o Papa era a figura perfeita para que os planos de Hitler pudessem ser levados a cabo, pois era alguém que apenas buscava satisfazer seu ego papal colocando sua palavra e autoridade acima dos outros bispos do mundo. Desse modo, Pio XII serviu mais como um auxílio do que como uma ameaça aos planos de aniquilação dos judeus do *Führer*.

A postura de Pio XII é tratada por muitos como uma ação diplomática que serviu para salvar vidas, seus silêncios são tratados como necessários para que a Igreja pudesse agir sem ser combatida mais fortemente pelo nazismo. Porém Cornwell pensa diferente disso e proclama que: “somos obrigados a concluir que o seu silêncio tinha mais a ver com o medo e desconfiança habitual dos judeus do que com uma estratégia de diplomacia ou um compromisso com a imparcialidade ⁸⁷”. Pio XII dessa maneira é visto como um medroso, uma pessoa que poupou esforços maiores para salvar milhares de vidas inocentes.

As críticas de Cornwell ao Papa certamente são duras, porém em contraponto a isso existem também as linhas historiográficas que defendem a maneira pela qual Pio XII decidiu agir e defendem seu silêncio como uma maneira verdadeiramente diplomática de trabalhar.

4.2. Defesas a favor das ações de Pio XII

Frente à enxurrada de condenações, algumas muito fortes como as de John Cornwell, temos também aqueles que defendem as ações do Papa Pio XII em prol dos

⁸⁶ CORNWELL, John, *O Papa de Hitler, a história secreta de Pio XII*, p. 333.

⁸⁷ *Ibidem*, p. 332.

judeus e defendem seu modo silencioso, mas não omisso, de tratar os nazistas e cuidar daqueles que sofriam em suas mãos.

Andrea Tornielli, famoso vaticanista italiano, é autor da obra *Pio XII, o Papa dos Judeus*. Na introdução de seu livro ele coloca algumas razões que o levaram a escrever tal obra. O autor diz que seu livro não pretende ser uma defesa de Pio XII, justamente porque ele não tem necessidade de ser defendido de nada. A motivação do autor é tentar mostrar que Pio XII não pode ser retratado como alguém que teria responsabilidade pelo holocausto dos judeus, sendo mostrado como um Papa omisso frente essa realidade⁸⁸.

Tornielli durante seu livro vai colocando fatos históricos que tendem a defender a postura diplomática e silenciosa do Papa. O autor defende Pio XII na questão de sua radiomensagem no Natal de 1942, duramente criticada por John Cornwell em seu livro. Tornielli diz:

Pacelli, embora tenha denunciado as perseguições e protestado formalmente muitíssimas vezes junto do Governo Alemão, optou por não atacar os nazis com públicas invectivas ou excomunhões, mas todos – e os alemães em primeiro lugar – entenderam claramente que ele se referia aos judeus quando falou de “centenas de milhar de seres inocentes, os quais, sem culpa alguma, mas só pelo facto de pertencerem à outra nacionalidade ou estirpe, foram condenados à morte”⁸⁹.

Ainda defendendo a postura diplomática e não acusatória de Pio XII, Tornielli resgata a fala de Joseph Lichten⁹⁰. Para Lichten:

Tendo em conta o comportamento insensato dos nazis... Pio XII fez tudo o que era humanamente possível para salvar vidas humanas e aliviar os sofrimentos dos judeus. Uma declaração formal teria

⁸⁸ Cf. TORNIELLI, Andrea, *Pio XII, o Papa dos Judeus*, p. 11.

⁸⁹ *Ibidem*, p. 15.

⁹⁰ Lichten foi um diplomata e advogado polonês conhecido pelo trabalho inter-religioso entre Judeus e Católicos. Escreveu uma tese defendendo Pio XII após a publicação de *O Vigário*.

provocado uma represália nazi brutal, impedindo assim, de maneira considerável, uma futura acção de ajuda da parte dos católicos a favor dos judeus⁹¹.

Outro fato relatado por Tornielli que defende a postura silenciosa, mas operante, de Pio XII é um relato que ele reproduz em sua obra, um testemunho dum casal de judeus que se encontrava refugiado em Roma em 1943. Esse casal, vinte anos depois, disse:

Nunca nenhum de nós desejou que o Papa falasse abertamente. Éramos fugitivos e quem foge não deseja que o apontem com o dedo. A Gestapo ainda ficaria mais excitada e teria intensificado as suas inquisições. Se o Papa tivesse protestado, toda a atenção se voltaria para Roma. Foi melhor que o Papa se tivesse calado⁹².

Esse é um testemunho interessante, pois os próprios judeus, alvos da perseguição nazista, preferiram que o Papa não se pronunciasse abertamente. Eles mesmos conheciam as máquinas maléficas do regime de Hitler e sabiam que se batessem diretamente contra ele a represália seria enorme. Então era melhor e preferível que o Papa se pronunciasse de modo velado, mas que pudesse ser entendido por todos, e assim continuar a ajudar materialmente os perseguidos.

4.2.1. Ações de Pio XII em favor dos judeus.

Durante a Guerra e a perseguição dos judeus, Pio XII promoveu várias ações, que são ignoradas por aqueles que o acusam de omissão. Tornielli aponta o testemunho de Pinchas Lapide, cônsul israelita em Milão, em favor do Papa. Lapide diz que durante o pontificado de Pio XII a Igreja foi instrumento para a salvação de mais de 700 mil judeus que deveriam morrer nas mãos do regime nazista. Lapide tem noção de que é um

⁹¹ TORNIELLI, Andrea, *Pio XII, o Papa dos Judeus*, p. 157.

⁹² *Ibidem*, p. 220.

número pequeno frente aos seis milhões que foram exterminados, mas diz que mesmo assim é muito superior ao número dos que foram salvos por outras Igrejas e instituições, religiosas ou não.

Pio XII, foi o Papa que abriu o Vaticano, as Igrejas de Roma, as construções que estavam sob a tutela da Igreja para abrigar judeus refugiados. Segundo o que diz Senra Coelho em seu livro *Pio XII e os Judeus*:

“Pio XII chegou mesmo a isentar os mosteiros e os conventos de clausura, permitindo-lhes o acolhimento de judeus. Calcula-se em 4000 e 7000 o número de judeus que encontraram acolhimento, alimentação e vestuário nos imóveis eclesiásticos... até o palácio de Castel Gandolfo serviu para acolher os perseguidos pela simples razão de pertencerem à raça hebraica ⁹³”.

Outra ação de Pio XII foi a famosa intervenção no momento em que os alemães ocuparam a Itália no ano de 1943 e exigiram da comunidade judaica de Roma 100 libras de ouro em 36 horas, se seu pedido não fosse atendido então seriam presos 300 judeus. Mesmo trabalhando incansavelmente, a comunidade judaica conseguiu reunir apenas 70 libras das 100 que foram requisitadas. Assim, Israel Zolli, rabino mor de Roma, encontrou-se com o Tesoureiro Pontifício, com o Secretário de Estado e contou o drama de seus irmãos judeus. Pio XII foi informado dessa situação e dessa maneira destinou grandes somas de dinheiro para ajudar a comunidade judaica de Roma. É interessante notar que era o próprio Papa quem administrava e distribuía essas quantias, algo extremamente arriscado de se fazer ⁹⁴.

Cornwell acusa Pio XII de omissão e silêncio e elogia padres, bispos e cardeais que agiram em meio às situações nas quais o Papa teria se esquivado. Tornielli rebate essa crítica em sua obra dizendo que o Papa não é uma instituição destacada da Igreja inteira, ele não está isolado e não se isola do restante do clero em suas ações. Não seria

⁹³ COELHO, Senra, *Pio XII e os Judeus*, p. 28-29.

⁹⁴ *Ibidem*, p. 23-24.

possível que conventos, seminários e institutos religiosos, dentro e fora de Roma, se abrissem para receber refugiados judeus sem que o Papa tivesse ordenado isso. Segundo Tornielli, acusar Pio XII de uma total omissão é querer simplesmente criar um bode expiatório no qual se coloca toda a culpa e responsabilidade pela morte e deportação dos judeus. O autor cita uma instrução escrita por Pio XII aos bispos chamada de *Opere et caritate*, na qual estavam expressamente ditas as palavras de ordem para auxílio dos judeus⁹⁵. Desse modo, se membros da Igreja tanto auxiliaram judeus, é injusto dizer que essas ações não tenham pelo menos o incentivo do Papa, ainda mais numa época em que o sua figura era extremamente venerada, seguida e respeitada em suas opiniões.

Outro fato extremamente importante no debate instaurado ao redor de Pio XII é a conversão do rabino-mor de Roma, Israel Zolli, o mesmo que procurou a Igreja na questão das 100 libras de ouro. Quando os nazistas ocuparam Roma, Zolli ordenou que os judeus se dispersassem, porém não foi ouvido por todos e dessa maneira acabou colocando-se numa posição em que estava sendo caçado pelos nazistas. Com isso foi pedir refúgio ao Papa no Vaticano, para ele e para toda sua comunidade. Seu desejo foi prontamente atendido por Pio XII, salvando assim um grande número dos judeus que estavam sendo perseguidos. Como um gesto de reconhecimento pela atitude do Papa, ele e sua esposa foram batizados na fé católica no dia 13 de fevereiro de 1945. Israel Zolli agora se chamava Eugenio Zolli, uma homenagem ao homem que salvou sua vida e a vida de seus irmãos judeus⁹⁶.

As ações de Pio XII em favor dos judeus não ficaram apenas no ramo econômico ou em suas alocuções, mas estenderam-se até o plano litúrgico da igreja Católica. Na ação litúrgica da Sexta-Feira Santa, desde o Papa São Gregório Magno, a Igreja se refere aos judeus em suas orações universais como “*perfidii judaei*”, termo que

⁹⁵ Cf. TORNIELLI, Andrea, *Pio XII, o Papa dos Judeus*, p. 238-240.

⁹⁶ Cf. COELHO, Senra, *Pio XII e os Judeus*, p 56.

em latim significa “*descrentes judeus*”. Porém com a tradução do missal em língua vernácula que já acontecia nas épocas de Pio XII, o termo “*perfid*” foi traduzido literalmente por “*pérfidos*”, “*traidores*”. Desse modo, a pedido de Eugenio Zolli, Pio XII manda que substituam “*perfid* *judaei*” por “*infideles judaei*”. Além dessa modificação nos termos, Pio XII também promove uma modificação gestual na liturgia da Sexta-Feira Santa: quando se rezava pelos judeus ao invés do povo e do presidente ajoelhem-se como nas outras orações, eles se mantinham em pé, como um sinal de aversão contra aquele povo. Mais uma vez, por conselho de Eugenio Zolli, o Papa faz uma alteração no rito e introduz a genuflexão pelos judeus com a expressão *flexamus genua* (ajoelhem-nos) do mesmo modo como acontecia nas outras orações⁹⁷.

4.2.2. Testemunhos favoráveis a Pio XII

Dentre os acusadores de Pio XII temos também aqueles que se colocaram a favor dele com seus testemunhos acerca de sua figura e de suas posturas durante os dramas do holocausto judeu.

Um dos importantes testemunhos acerca da heroicidade de Pio XII é com certeza o que Golda Meir relata logo após a morte do Papa em 1958. Ela partilha a dor que todos sentem pela morte do Santo Padre e diz que:

Num período conturbado por guerras e discórdias, ele manteve altos os mais belos ideais da paz e da caridade. Quando o martírio mais espantoso atingiu o nosso povo, durante os dez anos de terror nazi, a voz do pontífice ergueu-se a favor das vítimas... Choramos a perda de um grande servidor da paz⁹⁸.

⁹⁷ Cf. TORNIELLI, Andrea, *Pio XII, o Papa dos Judeus*, p. 309-311.

⁹⁸ *Ibidem*, p. 25.

É um testemunho digno de valor, pois Golda Meir na época era a ministra dos Negócios Estrangeiros de Israel e mais tarde se tornaria a primeira mulher a ser primeira-ministra de Israel, em 1969.

Outro testemunho válido acerca de Pio XII é o de William Zuckermann, editor da revista *Jewish Newsletter*, o qual salienta que “provavelmente nenhum estadista daquela geração tinha dado aos judeus uma ajuda tão poderosa na hora da maior tragédia: a ocupação nazi da Europa” e acrescenta acerca da abertura de edifícios eclesiásticos para os refugiados judeus: “qualquer judeu, de qualquer país, que conseguisse chegar ao Vaticano, estava salvo”⁹⁹.

Também a Igreja Católica se pronunciou sobre Pio XII, principalmente com Paulo VI, João Paulo II e Bento XVI. Paulo VI foi Secretário de Estado de Pio XII, sendo muito próximo a ele. Quando Papa, em 1964, visitou a Terra Santa e na presença do rabino chefe de Jerusalém, no dia 5 de janeiro, disse:

Sem dúvida, como sabeis, se tem desejado colocar suspeitas e também acusações contra a memória deste grande Pontífice. Temos a satisfação de ter a ocasião de afirmar, neste dia e neste lugar: não há nada mais injusto que esse atentado contra tão venerável memória. Aqueles que, como nós, conheceram de perto essa alma admirável, sabem até onde podia chegar sua sensibilidade e compaixão pelos sofrimentos humanos, seu valor e a bondade de seu coração. Bem o sabem também os que, terminada a guerra, vieram com lágrimas nos olhos, a dar-lhe graças por tê-los salvado a vida¹⁰⁰.

Além disso, frente às acusações de *O Vigário*, Paulo VI ordenou a abertura prematura dos Arquivos Secretos do Vaticano relativos à Segunda Guerra Mundial, ato que com certeza mostra a confiança no trabalho de seu predecessor nesta questão.

Outro Papa que se pronunciou acerca de Pio XII foi João Paulo II. Numa visita pastoral aos Estados Unidos em setembro de 1987 o pontífice se encontrou com

⁹⁹ TORNIELLI, Andrea, *Pio XII, o Papa dos Judeus*, p. 28.

¹⁰⁰ http://w2.vatican.va/content/paul-vi/es/speeches/1964/documents/hf_p-vi_spe_19640105_commiato.html Acesso em 20 de junho de 2017 (tradução nossa)

representantes da comunidade judaica do país. Na ocasião ele disse: “Estou persuadido de que a história revelará de maneira ainda mais clara e convincente quanto Pio XII sentiu a tragédia do povo judeu e quão intensa e eficazmente se esforçou por ajudá-lo durante a segunda Guerra mundial”¹⁰¹.

Também durante o pontificado de João Paulo II foi publicado o documento *Noi Riccordiamo*, em 1998, o qual faz uma reflexão sobre o holocausto judeu, citando e defendendo a figura de Pio XII, como se lê:

Aqueles que ajudaram a salvar o maior número possível de judeus, a ponto de pôr as suas vidas em perigo de morte, não devem ser esquecidos. Durante e depois da guerra, comunidades e personalidades judaicas expressaram a sua gratidão por tudo o que lhes fora feito, inclusive o que Pio XII fizera pessoalmente, ou através dos seus representantes, para salvar centenas de milhares de vidas de judeus. Por essa razão muitos Bispos, sacerdotes, religiosos e leigos, foram honrados pelo Estado de Israel¹⁰².

Bento XVI também se pronunciou sobre Pio XII, em 2008, no 50º aniversário da morte de seu predecessor o pontífice rezou uma missa e na homilia desta, ele disse:

A guerra pôs em evidencia o amor que sentia pela sua "amada Roma", amor testemunhado pela intensa obra de caridade que promoveu em defesa dos perseguidos, sem qualquer distinção de religião, etnia, nacionalidade, nem pertença política. Quando, estando a cidade ocupada, lhe foi repetidamente aconselhado deixar o Vaticano para se pôr em salvo, a sua resposta foi sempre idêntica e decidida: "Não deixarei Roma nem o meu lugar, mesmo que tivesse que morrer".

Certamente um dos atos mais eloquentes em relação à figura de Pio XII foi sua proclamação como Servo de Deus, um dos passos para a canonização, por Bento XVI em 2009, já proclamado Venerável por Paulo VI em 1964. Ao comentar a elevação de Pio XII a Servo de Deus, Bento XVI defende sua postura silenciosa dizendo que era

¹⁰¹ TORNIELLI, Andrea, *Pio XII, o Papa dos Judeus*, p. 22.

¹⁰² http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/chrstuni/documents/rc_pc_chrstuni_doc_16031998_shoah_po.html. Acesso em 11 de junho de 2017.

evidente que, no mesmo momento que o Papa protestasse publicamente frente ao nazismo, as construções que ele abriu para abrigar os judeus já não seriam mais consideradas zonas de extraterritorialidade e desse modo aqueles que estavam sendo protegidos seriam com certeza deportados. Bento XVI ainda salienta que esse era o único modo pelo qual aquelas vidas poderiam ser salvas e diz acreditar que Pio XII compreendia as consequências de um protesto público, e por isso teria sofrido muito, sabia que era necessário falar, mas a situação infelizmente o impedia de fazê-lo. Por fim, Bento XVI comenta: “creio que é preciso reconhecer verdadeiramente que foi um dos grandes justos e que, como ninguém, salvou tantos e tantos judeus”¹⁰³.

Para encerrar este capítulo é interessante citar também o site *Forum Libertas*¹⁰⁴ o qual reúne treze declarações de líderes e personalidades judias em defesa de Pio XII. Aqui seleciono dois dos mais relevantes.

David Dalin, rabino de Nova York e historiador, disse: “Pio XII não foi o Papa de Hitler, senão o maior defensor que jamais tiveram os judeus e precisamente no momento que mais necessitamos”.

Também o famoso físico judeu Albert Einstein se pronunciou a favor da Igreja e de seu Pontífice: “Somente a Igreja permaneceu firme, em pé, para fechar o caminho às campanhas de Hitler que pretendiam suprimir a verdade”.

¹⁰³ BENTO XVI, *Luz do mundo, O Papa, a Igreja e os sinais dos tempos*, p. 139.

¹⁰⁴ As duas citações foram retiradas do site: <http://www.forumlibertas.com/contra-la-difamacion-13-declaraciones-de-lideres-judios-en-defensa-de-pio-xii/>. Acesso em 13 de junho de 2017. (tradução nossa).

CONCLUSÃO

Após essa gratificante pesquisa pode-se concluir que a figura de Pio XII é sim polêmica, pois está imersa num contexto extremamente delicado e doloroso da história da humanidade.

Porém não é uma polêmica que simplesmente quer escandalizar a humanidade. Vejo que existe uma grande parcela de ideologias por trás daqueles que acusam o Papa de um silêncio condenatório dos judeus. O Papa não é o responsável pela morte dessas pessoas.

Posso enxergar uma notável diferença entre o modo de falar de Pio XII e Bento XV e Pio XI, por exemplo. Os dois últimos foram mais assertivos em suas palavras, de um modo que talvez Pio XII pudesse imitar. O silêncio de Pio XII existiu, porém não foi um silêncio omissivo, se suas palavras foram silenciosas, suas obras falaram muito em favor dos judeus, como foi apresentado no quarto capítulo desse trabalho.

A história não deve servir para inocentar ou condenar ninguém, não é essa sua intenção. A verdadeira pesquisa História precisa o máximo possível ser imparcial, não pode se deixar levar por meras ideologias ou vaidades por parte do historiador. Por isso a conclusão que tiro após as pesquisas não é se Pio XII é inocente ou culpado de alguma

coisa, mas sim que ele agiu a sua maneira, do modo que agiu melhor agir. Teve seus silêncios, mas não foi de maneira nenhuma um cooperador do nazismo, pois se assim o fosse não teria sido elogiado por autoridades judaicas, ou mesmo sido elevado a dignidade de Servo de Deus.

Pio XII poderia com certeza ter agido de maneira diferente, porém ninguém garante que essa seria a maneira correta, ninguém garante que os judeus teriam sido assassinados em menor número. A frase “se Pio XII tivesse feito assim...” deve ser dita com cuidado, pois o que aconteceu já não pode ser refeito, esse “se” é condicional, está ligado ao passado que não pode ser modificado.

Foi um trabalho proveitoso para mim, me fez entender melhor a história da Alemanha, da Segunda Guerra Mundial e do Nazismo, bem como perscrutar os ensinamentos e palavras de papas que estão, de certo modo, distantes da atual época histórica e também me ensinou a fazer uma pesquisa séria sobre os fatos da humanidade, me fazendo deixar de lado minhas paixões e conceitos pré-concebidos acerca do assunto.

Talvez esse debate chegue ao fim somente com a abertura completa dos *Arquivos da Santa Sé* relativos a esse período. Talvez reacenda ainda mais as discussões. O que importa em tudo isso é não fazer uma pesquisa histórica partidária e ideologizada.

BIBLIOGRAFIA

- ARRUDA, José Robson de A., *História Moderna e Contemporânea*. 9. ed. Editora Ática, SP, 1978.
- BENTO XV. *Discorso del santo padre Benedetto XV in occasione del primo incontro con il collegio cardinalizio svoltosi alla vigilia della solennità del natale*, 1914 in http://w2.vatican.va/content/benedict-xv/it/speeches/documents/hf_ben-xv_spe_19141224_accogliere.html
- Bento XV. *Nota aos povos beligerantes* in <http://www.vatican.va/archive/aas/documents/AAS-09-I-1917-ocr.pdf> p.421-423
- BLET, Pierre, *Pie XII et le Seconde Guerre Mondiale*. Ed Perrin, 2005.
- CHINIGO, Michael, *Pio XII e os problemas do mundo Moderno*. Trad. Pe José Marins. 2. ed. Edições Melhoramentos SP, 1961.
- COELHO, Senra, *Pio XII e os Judeus*. Paulinas Editora, Prior Velho, 2009.
- COMBY, Jean. *Para ler a História da Igreja, Do século XV ao século XX*. Trad. Maria Stela Gonçalves; Adail V. Sobral. Tomo II. ed. Loyola, SP, 1986.
- CORNWELL, John. *O Papa de Hitler, A história secreta de Pio XII*. Trad. A.B. Pinheiro de Lemos. Imago Ed, RJ, 2000.
- DOCUMENTOS DE PIO X E DE BENTO XV (1903-1922). Trad. Darci L. Marin. Paulus, SP, 2002.
- DUFFY, Eamon, *Santos e pecadores: História dos Papas*. Trad. Luiz Antônio Araújo. Cosac & Naify Edições Ltda. SP, 1998.
- FRIEDLÄNDER, Saul, *Pio XII e a Alemanha Nazi*. Trad. M. Rodrigues Martins. Edições Tapir, 1967.
- HITLER, Adolf, *Mein Kampf*. Trad. Klaus von Puchen. Editora Centauro, SP, 2016.
<http://www.forumlibertas.com/contra-la-difamacion-13-declaraciones-de-lideres-judios-en-defensa-de-pio-xii/>
http://www.vatican.va/roman_curia/secretariat_state/archivio/documents/rc_segst_1933_0720_santa-sede-germania_it.html.
- JEDIN, Hubert; REPGEN, Konrad, *Manual de Historia de la Iglesia*, Tomo IX, *La Iglesia Mundial del siglo XX*. Editorial Herder, Barcelona, 1984.
- LEVILLAIN, Philippe, *Dizionario Storico Del Papato*. Ed. Bompiani, 1996. Volume 2. p. 1566. (Andrea, Riccardi, “Pio XII” in LEVILLAIN, Philippe, *Dizionario storico del papato*. Ed. Bompiani, 1996, pp. 1175-1183; Jacques, Nobécourt, “Pio XII, Il silenzio

di” in Levilain, Philippe, *Dizionario storico del papato*. Ed. Bompiani, 1996, pp. 1175-1189).

MARTINA, Giacomo, *História da Igreja de Lutero a nossas dias*, IV, *A era contemporânea*. Trad. Orlando Soares Moreira. 3. ed, Loyola, SP 2014.

MCBRIEN, Richard P. *Os Papas, os Pontífices: de São Pedro a João Paulo II*. Trad. Barbara Theoto Lambert. 3. ed, Loyola, SP, 1997.

PIO XII. *Radiomensagem “Un’ora grave” do Papa Pio XII aos governantes e aos povos no iminente perigo de Guerra, 1939* in http://w2.vatican.va/content/pius-xii/pt/speeches/1939/documents/hf_p-xii_spe_19390824_ora-grave.html

REARDON, MARY; Lenn, LOTTIE. *O Papa Pio XII, Baluarte da Paz*. Trad. Raul de Polillo. Coleção: Vidas famosas, nº 12. 3. ed. Edição Melhoramentos, SP, 1954.

RICCARDI, Andrea. *Pio XII, O Papa dos Judeus*. Trad. Antonio Maia da Rocha, Editora Civilização.

Roche, Georges; Saint Germain, Philippe, *Pie XII devant l’histoire*. Éditions Robert Laffont, 1972.

SHARKEY, Don. *Pio XII e o Vaticano*. Trad. Mario Rangel, 3. ed. Irmãos Di Giorgio & Cia Editores, RJ, 1945.

SOUZA, Luiz Tarciso; *“Um estudo sobre as principais acusações e defesas sobre antisemitismo e omissão de Pio XII nos episódios da Shoah”*; dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teologia Sistemática da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP; orientada pelo Prof. Dr. Ney de Souza; São Paulo/ SP, 2013.

THOMAS, Gordon. *Os Judeus do Papa, O plano secreto do Vaticano para salvar os judeus das mãos dos nazistas*. Trad. Marco Schaumloeffel. Geração Editorial, SP, 2013.

TORNIELLI, Andrea. *Pio XII, Eugenio Pacelli, um uomo sul trono di Pietro*. Oscar Mondatori, Milano, 2007.

VIAN, Giovanni Maria, *In difesa di Pio XII, le ragioni della storia*. Marsilio Editori, Venezia, 2009.